



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA CAMPUS I – CAMPINA
GRANDE/PB CENTRO DE EDUCAÇÃO –
CEDUC DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ANGÉLICA ALVES NÓBREGA

**IDENTIDADE E PROTAGONISMO MUSICAL EM PEDRA LAVRADA/PB – A
CENA UNDERGROUND NA HISTÓRIA DA CIDADE**

**CAMPINA GRANDE
2022**

ANGÉLICA ALVES NÓBREGA

**IDENTIDADE E PROTAGONISMO MUSICAL EM PEDRA LAVRADA/PB – A
CENA UNDERGROUND NA HISTÓRIA DA CIDADE**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História, como cumprimento aos requisitos à obtenção do título de graduada em Licenciatura plena em História

Área de concentração: História cultural, identidades e sociabilidades

Orientadora: Prof.^a. Me. Noemia Dayana de Oliveira

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N754i Nobrega, Angelica Alves.

Identidade e protagonismo musical em Pedra Lavrada - PB
[manuscrito] : a cena underground na história da cidade /
Angelica Alves Nobrega. - 2022.

73 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação,
2023.

"Orientação : Profa. Ma. Noemia Dayana de Oliveira,
Coordenação do Curso de História - CEDUC. "

1. Rock and roll. 2. Identidade. 3. Sociabilidade. 4.
Movimento cultural. 5. Pedra Lavrada - Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 907.2

ANGÉLICA ALVES NÓBREGA

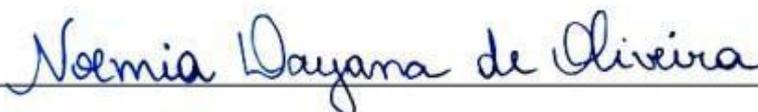
**IDENTIDADE E PROTAGONISMO MUSICAL EM PEDRA LAVRADA/PB – A
CENA UNDERGROUND NA HISTÓRIA DA CIDADE**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História, como cumprimento aos requisitos à obtenção do título de graduada em Licenciatura plena em História

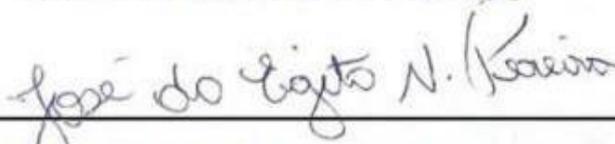
Área de concentração: História cultural, identidades e sociabilidades

Aprovado em: 30/11/2022
Nota: 10,0

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Me. Noemia Dayana de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. José do Egito Negreiros (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. João Marcos de Souza Rodrigues (Examinador)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Dedico este trabalho e todo meu esforço aos meus pais e irmãos, a minha segunda mãe, minha tia Nina (*in memorian*) que hoje estaria comemorando o fim dessa jornada. Muito obrigada, tia, por nunca ter desistido de mim. Aos meus queridos avós maternos Dona Lourdes Ribeiro, e Francisco da Trindade, e minha saudosa avó paterna Elvira Lima (*in memorian*), e ao meu amigo Charlie!

AGRADECIMENTOS

A etapa dos agradecimentos no processo de escrita de um trabalho acadêmico como este é de inestimável significância na reta final de mais um ciclo que se fecha para outro se iniciar nessa longa jornada que é a nossa vida. Vida, palavra significativa para aqueles que sonham, para aqueles que projetam, e para aqueles que lutam até seu último recurso. Agradecer é uma das demonstrações mais importantes de reconhecimento aos nossos parceiros, e amigos de batalha, aqueles que pegaram em nossas mãos e aceitaram nos apoiar, nos dar uma força, e até por vezes nos criticar de uma forma construtiva em nossos projetos de vida.

Portanto, aproveito esse pequeno espaço do meu TCC para preencher minha gratidão às pessoas que fizeram parte de minha vida e história acadêmica. Aproveito para deixar meus agradecimentos e sentimentos de gratidão aos meus familiares, principalmente, minha mãe Vanda e meu Pai João que viram todo o meu esforço para concluir este trabalho, bem como foram minha base para finalizar esse projeto, aos meus irmãos que também presenciaram todo o meu percurso, a Isaías que sempre quebrou meu galho com relação aos meus problemas no Notebook, e ao meu irmão Isaeus.

Agradeço, e gratidão à minha orientadora que fez um trabalho excepcional na minha fase de escrita do meu TCC e que ainda tive o privilégio de conhecer na reta final do curso, a professora Noêmia onde reconheci uma grande profissional de sua área que mesmo nessa correria que é atividade docente nunca me deixou sem resposta com relação as minhas dúvidas, esteve sempre atenta aos detalhes. Assim como não posso esquecer da professora Deise que tanto me apoiou e me ajudou inicialmente na escrita do meu TCC com dicas de leituras, além das conversas que tínhamos vez ou outra. Você sempre me dava ânimo em continuar com esse projeto, agradeço demais! Aos professores da banca organizadora que aceitaram fazer parte desse momento, professor José do Egito, e professor João Marcos deixo meus sinceros agradecimentos.

Esse espaço é tão curto para citar todos os contribuintes, mas continuarei expressando minha gratidão aos colaboradores deste projeto, aos integrantes da Banda R2 por ter permitido que esse trabalho fosse realizado, ao Márcio Souto, Vital, Jarbas, e Emanuel deixo aqui meu muito obrigada. Obrigada também a ex vereadora Cleinha Solon pela indicação da lei citada neste trabalho, aos colaboradores Professor

Roberto Solon, Professor Alex Barros, e ao jornalista Jailton Cordeiro pelas fontes e informações que obtive na composição dessa pesquisa, sem vocês meu trabalho não existiria. Ao meu primo Lázaro, que quebrou meu galho diversas vezes com informática, obrigada primo! (risos). Deixo também minhas considerações especiais a minha vizinha e amiga Ana Paula que sempre me apoiou em meus projetos e objetivos, bem como a Lucineide (Preta) pela consideração e amizade que sempre teve comigo e minha família. Obrigada!

Pra finalizar deixo meu reconhecimento também de gratidão e apreço as amizadas que conquistei nesses 5 anos de curso, aos meus amigos e colegas de curso Paulo Ricardo, Mylena Magalhães e Ewerton Rafael, obrigada pelas conversas aleatórias, pelos momentos de alegria e descontração com vocês e principalmente por nunca terem me deixado de lado nos seminários acadêmicos. (risos), sei que eu surtei demais junto com vocês, mas isso faz parte de nossa história enquanto amigos e parceiros de curso. Muito obrigada aqueles que acreditaram no meu esforço e determinação.

Cada obstáculo ultrapassado em nossa vida com resiliência é símbolo de resistência, de esperança e coragem. É sinal de que você não desistiu mesmo em meio às frustrações que nos importunam. Você venceu mais uma etapa.

Angélica Alves Nóbrega

17 de novembro de 2022

E como todos nós somos parte do amanhã. Às vezes iremos trabalhar, e outras vezes brincar, mas eu sei que não podemos ficar aqui para sempre. Então eu vou escrever minhas palavras na face do hoje... E eles irão pintá-las

E oh! Quando eu desaparecer. Eles vão olhar para mim e dizer, e então vão dizer "Ei olhe pra ele, e onde ele está nestes dias" Quando a vida é dura, você tem que mudar...

Quando a vida é dura, você tem que mudar

Change – Blind Melon

RESUMO

Este trabalho tem como premissa inicial investigar os movimentos culturais vinculados ao *rock and roll* em suas expressões organizacionais - através de festivais, bandas e clubes - na cidade de Pedra Lavrada-PB, a partir da década de 90 até os dias atuais. Para isto recorreremos às raízes desse fenômeno musical e social a partir de sua história mais distante no tempo e no espaço, partindo da origem e adaptação do gênero musical *rock and roll* nos círculos de sociabilidade artística estadunidenses durante a década de 1950, quando esta forma de expressão musical alcançou outras redes de atuação que não somente aquelas vinculadas ao entretenimento, a exemplo de sua importante vinculação aos movimentos sociais que surgiram a partir dos anos 60 em todo o mundo. Inclusive no Brasil, onde ganha destaque nesta narrativa, uma região na qual o *rock and roll* é um gênero entre aqueles com menor manifestação, quando comparado aos ritmos locais tradicionais, como o forró. Neste contexto, a cidade de Pedra Lavrada, localizada no Seridó paraibano, é um local singular na trajetória do *rock and roll* no nordeste brasileiro, contando com indivíduos e formas de organização e expressão que registram seu protagonismo na cena local desde a década de 90 que através de seu protagonismo interfere na identidade cultural da cidade.

Palavras-Chave: *Rock and roll*. Identidades. Sociabilidades. Pedra Lavrada-PB.

ABSTRACT

This work has as its initial premise to investigate the cultural movements linked to rock and roll in their organizational expressions - through festivals, bands and clubs - in the city of Pedra Lavrada-PB, from the 90s to the present day. For this, we turn to the roots of this musical and social phenomenon from its most distant history in time and space, starting from the origin and adaptation of the rock and roll musical genre in American artistic sociability circles during the 1950s, when this form of musical expression reached other networks of action than just those linked to entertainment, such as its important link to social movements that emerged from the 60's around the world. Even in Brazil, where it stands out in this narrative, a region in which rock and roll is a genre among those with less manifestation, when compared to traditional local rhythms, such as forró. In this context, the city of Pedra Lavrada, located in Seridó Paraíba, is a unique place in the trajectory of rock and roll in the Brazilian northeast, with individuals and forms of organization and expression that register their protagonism in the local scene since the 90's that through its protagonism it interferes in the cultural identity of the city.

Keywords: Rock and roll. identities. sociabilities. Pedra Lavrada-PB.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Sister Rosetta Tharpe.....	26
Figura 2: Revista Billboard, edição de 30 de maio de 1942 – página 25.....	27
Figura 3: Chuck Berry.....	29
Figura 4: Festival de Águas Claras.....	43
Figura 5: 1ª Rock Fest de Pedra Lavrada.....	50
Figura 6: Camisa do Clube do Rock.....	50
Figura 7: Primeira formação da Banda R2, 1999.....	55
Figura 8: 9ª edição do Motofest de Parelhas.....	60
Figura 9: Festival Pedra Lavrada Rock (1ª edição).....	61
Figura 10: 1ª edição do Pedra Lavrada Rock, 2015.....	63
Figura 11: Lei de reconhecimento dos eventos do gênero Rock em Pedra Lavrada – PB.....	66
Figura 12: Brasão do Moto Clube Guardiões da Luz de Pedra Lavrada – PB.....	67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DO BLUES AO ROCK'N ROLL: ORIGEM E RESISTÊNCIA NEGRA NO CENÁRIO ARTÍSTICO DOS ESTADOS UNIDOS.....	19
2.1 Geração Black Music, a resistência negra na música afro dos EUA.....	24
2.1.2 Sister Rosetta Tharpe, uma voz vibrante e feminina no Rock and Roll.....	26
2.1.3 Chuck Berry, o pai do Rock'n Roll.....	28
2.2 A Contracultura enquanto meio de manifestação social na década de 1960.....	30
3 BRASIL, O NOVO CENÁRIO DO GÊNERO MUSICAL ROCK AND ROLL.....	35
3.1 Os primeiros acordes de Rock and Roll no Brasil.....	37
3.1.2 O Festival de Águas Claras, Woodstock brasileiro.....	42
4 A CENA UNDERGROUND LAVRADENSE ENTRE OS ANOS 1997 E 2021.....	45
4.1 O Clube Do Rock Lavradense Da Década De 1990.....	47
5 A TRAJETÓRIA DA BANDA R2.....	53
5.1. A Banda R2 ao longo dos anos 2000.....	56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71

1 INTRODUÇÃO

A música pode transmitir todos os tipos de sentimentos e mensagens, ao mesmo tempo em que faz parte do cotidiano das mais variadas camadas sociais, por isso ela é uma importante forma de expressão dos marcadores identitários de diferentes grupos e povos. Nessa perspectiva, a música interfere, molda e distingue os espaços e as pessoas, através da reflexão, crítica, sensibilização e mobilização para com os conteúdos que lhes atravessam.

É, por isso, uma manifestação inteiramente carregada de sentimentos e emoções, de modo que na vida cotidiana observamos como ela modifica aspectos que vão do humor às interações sociais. Por sua vez, a música interfere nos mais distintos espaços culturais, incluindo novos sujeitos e identidades. Outrossim, as canções têm também o poder de nos metamorfosear, de modo que ela também tem o papel de produzir momentos de paz e promover saúde mental. Estes efeitos variam de acordo com os gêneros musicais, o *rock and roll*, por exemplo, se destaca por sua capacidade de alcance em relação ao organismo humano (MUGNAINI JR., 2007).

Por isso, na nossa pesquisa entendemos o rock como gênero musical a partir das suas variadas manifestações culturais. Este gênero esteve e está nos mais distintos espaços urbanos, desde a geração mais clássica a geração mais moderna brasileira. O rock e seus subgêneros alcançaram proporções significativas e foram se adaptando de acordo com sua temporalidade e identidade. Exemplo disso está na cidade de Pedra Lavrada, localizada no estado da Paraíba, uma comunidade que entrelaçou o universo artístico e musical numa conjuntura social que não é, a priori, própria do *rock'n roll*. Isto é, por ser uma região nordestina, acredita-se que forró é uma das preferências comuns, mas Pedra Lavrada se comunicou ao longo de seu percurso cultural com outros sujeitos e identidades que influenciaram em seu universo cultural.

Diante disso, trataremos para discussão o impacto deste gênero musical entre as gerações do final da década de 1990 e início dos anos 2000, quando surgiu o Clube do Rock lavradense e a banda R2, pioneiros dos primeiros eventos municipais de rock. Nesse sentido, é do nosso interesse, no âmbito da História Cultural, entender e pensar as manifestações artísticas enquanto tradição e interferência social, especialmente no que tange às identidades e representações ao longo das temporalidades.

Inicialmente, o Clube do Rock, assim como a banda R2 objeto central desta pesquisa, são pensados e discutidos através da adaptação que fizeram de um gênero musical distante da realidade artística do município, o *rock'n roll*, bem como o impacto social que exerceram na identidade lavradense, provocando outros tipos de interações sociais. Sendo assim, as cenas underground no território lavradense ocorreu gradualmente em garagens e galpões até chegar nos palcos centrais da cidade, de modo que ganharam espaço nas tradições festivas do município e, conseqüentemente, se expandiu para outros cenários da região.

Nessa perspectiva, tanto o Clube do Rock de 1996 e a banda R2 são importantes símbolos culturais de Pedra Lavrada, haja vista a predominância dos eventos na cidade, e a Banda R2 inicialmente idealizadora dos festivais de rock que se estende até os dias atuais. Para se ter uma ideia do panorama cultural da cidade, basta reconhecer a importância dos festivais de rock e motofests nas cidades interioranas da Paraíba, manifestações estas que são de expressiva proeminência entre a juventude lavradense, assim como importante para popularizar a arte lavradense, atraindo turistas para este panorama cultural e ampliando o público entre aqueles que curtem o *rock'n roll*.

Esta é uma dentre as características intrínsecas e exteriores a este gênero musical, que são responsáveis pela sua difusão em larga escala ao redor do globo. Ao longo deste trabalho, algumas delas são abordadas, na medida em que aparecem como aspectos do nosso objeto de estudo. Sendo o gênero que mantém uma relação direta com os grandes festivais de música da segunda metade do século XX, inspiradores de eventos regionais e locais que eclodiram no final do mesmo século em todo o mundo, o *rock'n roll* (bem como a cultura dos festivais) constrói o contexto no qual se insere a trajetória da banda R2 o do *Pedra Lavrada Rock*.

Para este debate, a história e a música estão intimamente relacionadas, isto é, no campo da História Cultural e da Interdisciplinaridade, compreendemos que a história de um fenômeno ou de um patrimônio não se dá por si só, mas constrói-se na relação com os sujeitos do local. Nisso, a música possui uma importante atuação, não apenas como um estudo do campo sonoro, dos ritmos e gêneros, mas também se relaciona com a história, ou seja, é através da relação história e música que podemos relacionar e diagnosticar a causa e o impacto social que um determinado gênero musical ou uma letra podem ser fontes de estudos.

Além disso, a música serve para compreensão das transformações de uma geração, seja na miscelânea de ritmos que se seguem ao decorrer de uma década, até mesmo como uma ferramenta auxiliadora de protestos e manifestações sociais, seja na interface de espaços que se processa na relação de identificação e acolhimento social de determinados grupos, como veremos neste estudo.

Sobre isso, sabemos que música desde muito cedo foi um importante meio de expressividade de um tempo. Por isso, ela também se apresenta como uma fonte para o historiador em busca da compreensão de uma cultura ou o modelo comportamental de uma comunidade. Como bem enfatiza José D'Assunção:

É muito conhecido, desde tempos antigos, o uso da música como meio de representação para a História. Os antigos gregos e romanos, assim como os artistas medievais, contaram histórias – ou mais propriamente narrativas relativas a processos históricos pretensamente ocorridos – através da música. As escolas de samba, no Brasil República, oferecem através da sua história, inúmeros exemplos de criações de narrativas historiográficas através dos sambas-enredo. Conjuntos de rock também encaminharam composições com representações históricas. Trata-se, em todos os casos, de uma composição histórica mais ou menos livre, literária ou poética, que mais seria aparentada aos romances históricos livremente desenvolvidos que aos trabalhos de historiografia. Podemos nos perguntar se um dia os próprios historiadores não usarão a linguagem musical e seus recursos como caminhos para a expressão de sua escrita historiográfica. Tal empresa, obviamente, exigiria o concurso de dois campos de saber e de expressão: a Música como forma da expressão artística e linguagem, e a Histórica como disciplina científica (BARROS, 2018, p. 33).

Nesse diálogo performático da música é possível encontrar mecanismos e fontes para a escrita historiográfica, assim como para o Ensino de História, já que pode contribuir para entender o contexto em que a música foi escrita, de modo que as letras representam vivências de uma determinada época, entre outras. Pensando nisso, o conceito de polifonia, utilizado pelo campo de estudos da historiografia da música, é importante para dar exemplo dá ênfase à pluralidade de fontes e vozes musicais, auxiliando o debate interdisciplinar e diversificado na historiografia.

Já existem experiências nesta direção, diálogos interdisciplinares em movimento, conceitos compartilhados. Podemos por exemplo lançar mão do conceito de polifonia para nos referirmos a determinados tipos de fontes históricas, ou de expectativas que podem ser estabelecidas para tratamento de certas fontes históricas. A polifonia, na música, corresponde à sucessão simultânea de diversas vozes musicais, ou de diversas melodias que caminham juntas, estabelecendo contrapontos, diálogos, imitações, dialéticas de pergunta e resposta. (BARROS, 2018, p. 33).

Atuando desde a formação das primeiras civilizações como vimos anteriormente com José D'Assunção, a música também foi e continua sendo um meio de interações sociais, já que a mesma esteve presente em muitas manifestações artísticas, tornando-a fonte de acesso multidisciplinar para pesquisadores tanto da linguística como da historiografia. É neste campo interdisciplinar que esta pesquisa se originou, a partir de uma inquietação entre dois fatores: a escassez de pesquisas referente à história musical do meu município e a busca em entender a predominância de festivais de rock em cidades interioranas, onde tal gênero é por vezes ignorado e marginalizado.

Além das inquietações iniciais, o interesse em compreender a história do rock e sua expansão no Brasil se fez presente desde muito cedo na minha vida, sendo eu fã do gênero musical, as melodias e ritmos do rock e seus subgêneros despertaram gradativamente ideias e problematizações acerca deste tema. Também fui público de oito edições das festas de rock na minha cidade, onde estive ao lado de amigos que compartilham de gostos em comum pelos ritmos, pela estética do gênero, assim como a crítica social por vezes escondida entre poesias e versos dos artistas do rock mais consagrado no mundo e, que, geralmente, eram cantados por covers nos festivais da cidade.

Minha proximidade e inquietação em estudar História Cultural e a música partiram desses requisitos iniciais, que fizeram parte da formação da minha identidade como também a escolha do curso superior em História. Isto é, não foram apenas as leituras historiográficas, mas as variadas traduções das letras de *rock* que eu escutava, que contextualizam um determinado período na história, a exemplo da banda sueca Sabaton que me atraiu de imediato não apenas pelo som pesado, mas pela forma em que as letras me fazem aprender fatos históricos, como a Primeira Guerra Mundial e a Guerra Fria. Para tanto, a escolha desse tema surgiu em pequenos encontros e seminários da disciplina de Estágio Supervisionado II, onde discutimos o Ensino de História a partir da música, onde as leituras e interpretações musicais trazem criatividade para o estudo do fato histórico.

Por isso, problematizar a história e repercussão do Clube do Rock, Banda R2 e seus festivais no município de Pedra Lavrada foram um dos questionamentos iniciais na escolha do tema de pesquisa. Antes, eu havia pensado em estudar algo dentro da perspectiva cultural, mas a ênfase em estudar a História Cultural Local, a partir de

uma análise dos pequenos grupos musicais, como a Banda R2, sendo assim, a pesquisa tem como foco compreender as identidades lavradenses a partir do impacto intercultural, no caso, o Rock interiorano, trazendo contribuição e inovação para a historiografia, já que investiga as mutações culturais e as tradições que permeiam a história de Pedra Lavrada.

Portanto, minha justificativa para a realização desta empreitada parte tanto dos interesses que constituem a minha própria identidade antes do ingresso na universidade, como daqueles que me formaram pesquisadora e professora, que compõem os saberes da ciência histórica. Esta investigação também foi possível graças ao uso de imagens feitas e disponibilizadas através de meios digitais nas redes sociais on-line, como a página oficial da Banda R2 disponível no Facebook, Official-R2, e o antigo Blog Voz de Pedra que contém uma entrevista rica em detalhes referente a história da Banda R2, assim como fotos disponibilizadas via WhatsApp por um dos organizadores do evento de rock existente até os dias atuais. Elas constituem narrativas visuais, através das quais tentei responder à problemática da criação e inserção de um festival de *rock'n roll* em um circuito cultural preexistente aparentemente adverso.

Como objetivo geral, analisaremos a trajetória da banda R2 na cidade e sua importância dentro das tradições da comunidade lavradense. Como objetivos específicos, abordaremos a origem e o histórico do Rock a partir dos Estados Unidos com os artistas negros, e posteriormente como esse gênero musical chega no Brasil no capítulo dois. Na sequência, contextualizamos a incidência do Clube do Rock na década de 1990 a partir do capítulo três, e a banda R2 e seus impactos sociais, suas influências e como a banda conseguiu propiciar a primeira cena de rock com festivais mais amplos a partir do capítulo quatro. Na questão problema, iremos situar como estes eventos foram importantes para construção de novos valores, estilos de vida e comportamentos. Como um pequeno evento musical ganhou proporções consideráveis na cidade, se estabelecendo e transformando em parte das tradições locais, fomentando novas iniciativas artísticas e tecendo uma rede de sociabilidades própria, correspondente a um circuito cultural alternativo? Essa é uma das questões que analisaremos nas páginas seguintes.

Inserida no campo da História Cultural, na nossa pesquisa verificamos que estudar a música deve priorizar questões como a predominância da indústria cultural,

suas interferências sociais e os valores que constroem as transformações identitárias ao longo do tempo. Assim, Napolitano (2002) considera que esses aspectos foram importantes para a consolidação do campo musical, expressando novas sociabilidades provenientes do processo de urbanização e industrialização, processos estes que são alterados à medida que novos valores e formas de progresso técnico são instituídos na sociedade.

É a partir deste prisma social que Napolitano (2002) sugere a apropriação de novos conceitos e culturas, devendo ser consideradas as condições sociais e culturais que determinado gênero musical manifesta. Exemplo disso é a cidade de Pedra Lavrada, onde um entrecruzamento musical gerou impacto nas festividades locais, tornando-se parte da identidade local. O autor considera ainda que:

A música brasileira moderna é, em parte, o produto desta apropriação e desse encontro de classes e grupos socioculturais heterogêneos. Não houve, na verdade, a apropriação de um material “puro” e “autêntico” como querem alguns críticos (TINHORÃO, 1981), na medida em que as classes populares, sobretudo os “negros pobres” do Rio de Janeiro e mestiços do nordeste, já tinham a sua leitura do mundo branco e da cultura hegemônica. Assim, a música urbana brasileira nunca foi “pura”. Como tentamos demonstrar, ela já nasceu como resultado de um entrecruzamento de culturas. (NAPOLITANO, 2002, p. 33)

Logo, a pesquisa também se encontra alinhada a outros temas regionais que já foram debatidos na produção historiográfica do *Campus I* da UEPB, como o trabalho de Santos (2016), que se debruça sobre a cena cultural *underground* em Campina Grande/PB. Por isso, pesquisar a história de Pedra Lavrada a partir da cena musical tem como relevância a ampliação dos estudos da arte e cultura em cidades interioranas, como o conhecimento de suas tradições culturais para as próximas gerações e somando com o conhecimento da historiografia cultural da música já existente.

Sendo assim, este trabalho foi realizado a partir da análise de documentos iconográficos, como fotografias e vídeos disponibilizados em redes sociais pelos artistas, a página oficial da banda no Facebook Oficial-R2, e o Blog Voz de Pedra foram fontes essenciais nesta pesquisa de modo que o tratamento metodológico desse tipo de documento tornou-se qualitativo, isto é, começou a partir da observação das fotografias e suas respectivas datas e ampliou-se em conversas informais para atualizar e tirar dúvidas referentes aos artistas.

Já a abordagem teórica, entendemos que o impacto das representações imagéticas na sociedade e suas transformações bem como suas interações sociais são fatores que influenciam suas identidades sociais, cujas leituras de DEBORD (1997), HALL (2006), foram complementares para debater estas modificações sociais. BAUMAN (2001) também nos ajudou a entender como as circunstâncias sociais, na modernidade, transformam as identidades rapidamente.

A pesquisa qualitativa também foi essencial para a realização da coleta e seleção das fontes, já que observei a formação identitária da comunidade mais moderna, a partir das suas relações sociais e do fenômeno artístico de uma cidade. Para tanto, este tipo de pesquisa visa entender e explicar o surgimento de um fenômeno na história das relações humanas:

A análise qualitativa do conteúdo começa com a ideia de processo, ou contexto social, e vê o autor como um auto-consciente que se dirige a um público em circunstâncias particulares. A tarefa do analista torna-se, nas palavras de May (2004), uma “leitura” do texto em termos dos seus símbolos. Com isso em mente, o texto é abordado a partir do entendimento do contexto da sua produção pelos próprios analistas. Devemos então estar atentos para o fato de que a análise de conteúdo pode caracterizar-se como um método de investigação do conteúdo simbólico das mensagens. Essas mensagens podem ser abordadas de diferentes formas e sob inúmeros ângulos. (SILVA-SÁ *et al.* 2009, p. 11)

Esse método me ajudou a entender melhor a banda R2 e seus festivais através dos usos de imagens e vídeos, hospedados em blogs e entrevistas de rádios. Qualificar a observação das datas em fotos, as conversas informais e outros momentos da pesquisa foram importantes para construção dos quatro capítulos desta monografia.

No primeiro capítulo, abordamos a origem do *rock'n'roll* nos Estados Unidos, o surgimento dos subgêneros que vieram do jazz e do blues estadunidense, que incrementaram a história do rock com diferentes concepções e a representatividade. Na comunidade negra em um cenário racista como dos anos 1950 estadunidense, o rock negro trouxe inúmeras influências estéticas e coreográficas para artistas brancos do mesmo gênero, assim como para a realização de eventos ao ar livre que se propagaram ao longo de sua história, como o Woodstock de 1969.

No capítulo dois, apresentamos a trajetória do Rock no Brasil a partir da metade dos anos 1950, sendo um gênero musical ainda desconhecido no país, mas que alcançou uma significativa parte artística, permitindo a regravação de músicas em

inglês, de artistas de sucesso dos Estados Unidos e outros. Seguindo isso, temos o terceiro capítulo onde enfatizo a primeira cena de rock lavradense em 1997 com o Clube do Rock. Na sequência, onde se desenvolveu o objeto central desta pesquisa, temos o capítulo quatro – a banda R2 e os festivais musicais que surgiram no município de Pedra Lavrada/PB, a partir das representações e da recepção de fãs do gênero, que se permitiram ao longo de sua história incluir novos conceitos culturais, quebrando assim paradigmas sociais dentro das tradições de seu hábitat.

2 DO BLUES AO ROCK'N ROLL: ORIGEM E RESISTÊNCIA NEGRA NO CENÁRIO ARTÍSTICO DOS ESTADOS UNIDOS

Neste capítulo inicial busquei através de várias fontes, como em revistas, sites, artigos¹ e fotografias, enfatizar a origem do gênero Rock n' roll e sua trajetória artística a partir dos Estados Unidos, a fim de compreender e expor um pouco do processo de estabelecimento e função deste gênero nos círculos sociais até vigorar nas manifestações e adaptações artísticas que viriam a ser incorporadas na retórica artística brasileira, e como que este peculiar estilo musical se tornaria um dos mais importantes meios de expressividade cultural no mundo, atuando simbolicamente em uma sociedade politicamente insatisfeita com os rumos da administração política e dos direitos civis na comunidade local, em um mundo pós-guerra marcado ainda pelas desigualdades de gênero, etnia, e até mesmo religiosidade, além do combate as tradições arcaicas que vigoravam no cenário dos anos 1950.

Foi em 18 de dezembro de 1865 que os Estados Unidos deram seu ponto de partida para a concretização do fim da escravidão que assolou diversos estados e que deixou cicatrizes na memória e na pele de muitos que vivenciaram este período. A lei já tinha sido premeditada durante o governo de Abraham Lincoln, no ano de 1863, durante a Proclamação de emancipação que privilegiou a libertação dos escravos.² Entretanto, a medida constitucional da 13ª emenda não conseguiu pôr fim ao racismo ainda vigente, isto porque muitos estados ainda mantinham práticas racistas que deram prosseguimento a muitas medidas restritivas aos negros, de acordo com Wilton Bruno:

Apesar da abolição da escravidão, os estados mantinham uma política fortemente discriminatória de acordo com suas próprias legislações. Principalmente na região sul do país, o cidadão afro-americano era inferiorizado, marginalizado e limitado pelos governos e autoridades a sobreviver no mais baixo nível social. As comunidades mais pobres eram em sua maioria compostas por populações negras (SILVA, 2021, p. 02)

Com o advento do racismo e da discriminação social vivenciada pelos negros no acesso ao trabalho, renda e entre tantos quesitos, que intelectuais e artistas iniciam uma geração de produção artística em prol da representatividade afro-estadunidense. É nessa jornada cultural que surgem importantes ícones da música negra, associadas

¹ Fontes: (ALVES, 2011), (CHACON, 1983), (SILVA, 2014), (FARIAS, 2014), (PEREIRA, 1980/1992), (SEVILLANO, 2016), (SOUZA, 2002), (HOBSBAWM, 1990), (MUGGIATI, 1973), (PINHEIRO; MACIEL, 2011), (GUIMARÃES, 2013)

² [Abraham Lincoln: quem foi, trajetória, morte - História do Mundo \(historiadomundo.com.br\)](http://historiadomundo.com.br)

a diversos gêneros musicais como o Blues, Jazz e Rock n'roll. E, historicamente falando, assim como os gêneros antecedentes, o Blues, por exemplo, representa um destes símbolos culturais que estiveram imersos em uma época em que a sociedade estadunidense começava a se transmutar em alguns âmbitos da estrutura política, financeira e direitos cidadãos. Nesse contexto o rock n' roll se encaixa como uma das ferramentas auxiliadoras do protagonismo negro quebrando com os paradigmas de um cenário onde os mesmos não tinham representatividade cultural e nem voz atuante.

Sendo assim, o gênero musical não se resume apenas a um padrão, comum, com uma única configuração rítmica surgido nos Estados Unidos, tornando-se, portanto, um estilo musical plural vinculado aos mais distintos ritmos e instrumentos, que variam entre o Gospel, Country e Blues. O Blues, por exemplo, foi um dos gêneros marcantes no progresso e estruturação do gênero rock, com suas antecedências que destacam a originalidade da música africana, referenciando as desigualdades entre brancos e negros impostas desde a escravização que esteve presente na história dos povos africanos.

O Blues surge como grito de angústia e sofrimento dos escravos africanos, estes que foram arrancados de suas terras, de suas origens para servirem de mão de obra para os grandes proprietários de terras, latifundiários que em grande medida se aproveitavam do trabalho dos escravos como fonte de geração de renda para os mesmos. Nas plantações de algodão e café das Américas, onde os escravos eram submetidos a longas horas de intenso trabalho braçal, era muito comum que os escravos cantassem enquanto trabalhavam expressando suas emoções e tristezas. Para (HOBBSAWM, 1990), o Blues pode ter se originado através das canções de trabalho em inglês *work-songs*, as canções geralmente registram momentos do cotidiano destes povos escravizados, assim o gênero remete também ao

aparecimento de menestréis e pedintes negros em estradas aos quais foram influenciadas até mesmo para as canções do termo produzidas até a atualidade.

Além disto, há registros escritos por intelectuais e ativistas negros que fortaleceram desde a metade do século XIX o termo *Blues*, não dando o seu caráter musical a princípio, mas destacando o teor melancólico e os martírios sofridos pelos escravos naquele período, o que posteriormente assumiria caráter musical em canções do gênero no futuro.

Para (MUGGIATI, 1973), o grito simbolizava o reconhecimento do cenário hostil ao qual estavam inseridos e nessa perspectiva na proporção que o escravo se encontrava imerso na cultura europeia em seu plano musical este grito tomava novas formas com a inclusão de instrumentos rudimentares como a gaita de boca, promovendo a sequência de diferentes ritmos estes que eram mais comuns em zonas rurais, o que difere do que acontecia na zona urbana onde instrumentos europeus como cornetas e trombones tinham maior predominância. O ritmo que cresceu entre escravizados, em comunidades rurais, e se popularizou para os brancos hoje se encontra muito frequente em canções de artistas e bandas aclamadas.

O gênero musical aparece em outras fontes que simbolizavam a melancolia destes povos. Nesse momento, temos como importante papel citar a professora negra Charlotte Forten, nascida livre no Norte dos Estados Unidos, onde atuou na Carolina do Sul nos anos de 1862 e 1865, ensinando os escravos de Edisto Island a ler e escrever. Ela teve um papel fundamental ao trazer o primeiro registro deste termo e citar o Blues em seus escritos: *“Voltei da igreja com o Blues. Joguei-me sobre meu leito e pela primeira vez, desde que cheguei aqui, me senti muito triste e muito miserável”*³ meio este onde a mesma destaca suas dificuldades às ordens estabelecidas aos negros. Diante da estrutura social ao qual estavam inseridos, as comunidades negras buscavam formas de resistir às desigualdades aos quais eram submetidos, os registros como de Charlotte e tantas outras estratégias de se expressividade marcam tais transformações sociais e culturais ao longo do tempo, retratos de uma realidade social aprisionada pelo sistema social segregacionista.

Logo, o Blues tomou outras proporções, enquanto música, representa um destes símbolos culturais de resistência verbal, e é neste segmento da história musical que o Blues sendo um antecedente do *Rock'n roll* trouxe uma série de influências para

³ Fonte: [Uma introdução à história do Blues \(geledes.org.br\)](http://geledes.org.br)

esse gênero e seus subgêneros, especialmente no que se refere ao contexto em que estavam inseridos e as sensibilidades humanas.

Entretanto, é importante ressaltar que alguns estudiosos da música afirmam que o Blues tem influência da música religiosa reconhecida pelos negros como *spiritual*, como bem destaca (PINHEIRO; MACIEL; 2011) onde existem diferentes interpretações e hipóteses acerca da origem do blues, o que para alguns destes pesquisadores o gênero surge entre manifestações religiosas onde geralmente as canções cantadas pelos negros eram criadas a partir de passagens bíblicas. O que demonstra o poderio imperialista dos povos europeus sobre os costumes religiosos das comunidades africanas, em que geralmente era através da servidão e das punições de seus senhores que estes povos escravizados acabaram recebendo influências culturais ao longo do tempo, a adoção de instrumentos e cantos cristãos foram se adaptando para um novo modelo de costume entre os ritos e cerimônias africanas.

Isto porque a partir do século XIX, os escravizados sofreram um processo de interferência religiosa nas terras estadunidenses, com a evangelização e a inclusão de doutrinas cristãs nas crenças e costumes dos escravos africanos, isto porque não se era permitido a inclusão de religiões de vertente africana nos Estados Unidos (ALVES, 2011). Com isso, os escravizados acabam sendo submetidos a uma dura realidade incompreensível as suas origens culturais, alguns símbolos da cultura europeia são agora incluídos nas práticas culturais e religiosas destes povos.

Logo, a sonoridade e melodias foram se configurando à medida que a geração referente daquele período se comportava. Com isso, o *Rock'n Roll* surge como um ato revolucionário no meio artístico dos anos 1950, se destacando então por artistas negros que naquela época quebravam com o tabu da segregação racial vigente. Nesta mesma conjuntura social, existiam leis racistas em vigor nos Estados Unidos, desde o século XIX, a exemplo das leis Jim Crow, que deixaram marcas na história social dos negros e sua luta por direitos unânimes aos brancos. Essas leis segregacionistas que perseveraram foi o estopim para a criação de uma ordem de classificação racial em muitos estados do sul estadunidense, implantando regras sociais e separatistas entre negros e brancos, sendo em grande parte submetidos a um rebaixamento em todos os departamentos sociais em que estivessem inseridos.

Nesse interim, a partir dos diálogos temáticos, salientamos a importância que os artistas e intelectuais negros trouxeram para as gerações futuras, debates referentes aos tabus que então faziam parte de seus círculos sociais. Com o advento das leis raciais, os negros cada vez mais tinham seus espaços de sociabilidade reduzidos, marcados por um histórico segregacionista que incorporava através de regras, doutrinas e movimentos. Exemplo disso é a Ku Klux Klan, movimento racista segregacionista que vigorou na sociedade estadunidense durante o século XIX.

De acordo com Amanda P. Alves:

Em 1875, o estado do Tennessee adotou a primeira lei “Jim Crow”, que estabelecia o afastamento entre negros e brancos em lugares como trens, estações ferroviárias, hotéis, barbearias, restaurantes e teatros. Nesse âmbito, emergiram grupos segregacionistas como a Ku Klux Klan. A origem do nome advém do termo grego “kylos”, e significa “círculo”, ou seja, o símbolo de uma sociedade secreta, fechada em si mesma. A Klan esteve presente principalmente nas regiões do Sul dos Estados Unidos, perseguindo negros, brancos que apoiavam o fim da segregação (também chamados de “negro lovers”), chineses, judeus e demais etnias consideradas inferiores. (ALVES, 2011.)

Os anos 1950 é historicamente lembrado como a década matriz das manifestações artísticas negras, momento em que os direitos civis dos negros era uma das pautas mais debatidas nos Estados Unidos, nesse contexto artistas negros ao lado das manifestações que estavam em vigor tiveram um maior protagonismo em sua luta pela igualdade social. Como destaca (SEVILLANO,2016):

Outro aspecto fundamental que caracteriza este período, e que está intimamente ligado ao desenvolvimento do rock, é a discussão sobre os direitos civis nos Estados Unidos. A década de 1950 foi palco do crescimento do movimento negro no país, que se organizou contra a segregação racial legalizada em muitos dos estados do sul. Decisões favoráveis ao movimento foram tomadas pela Justiça Federal em casos que se tornaram famosos por questionarem o status legal do segregacionismo, gerando reações - em muitos casos extremamente violentas - de grande parcela da comunidade branca nos estados afetados pelas sentenças. Nesse cenário, o rock seria criticado como elemento não apenas do conflito geracional que se apresentava no país, mas também como elemento destabilizador das relações sociais e raciais. (SEVILLANO, 2016, p.32)

Nesse sentido, os gêneros musicais desse período como o rock n’roll, principalmente, marcam a fusão cultural entre povos brancos e negros que foi estabelecida desde a servidão até aos ritmos de resistência do século XX, recortes da história marcados por conflitos étnicos e sociais que foram enfatizados em registros artísticos daquele período. Um outro fator a ser destacado com relação aos

Movimentos artísticos deste período foram as produções musicais que ganharam proporção crítica e de resistência a partir do questionamento do status quo ao qual vivenciavam, o que predominantemente foram desencadeando novas redes de acesso entre a geração do século posterior, como no século XX até a geração atual.

As músicas negras daquele período inicialmente descreviam situações comuns de seu dia a dia, mas que marcaram a ascensão negra no meio artístico momento este que é exemplo marcante para o estopim dos conflitos geracionais em que a comunidade negra põe um fim ao silêncio diante das leis estabelecidas que favoreciam a desigualdade social. O Blues, e o Rock n'roll, foram e continuam sendo símbolos destas mudanças sociais à medida que tecem novos valores, novos comportamentos e formas de se vestir e até mesmo de se relacionar, temas estes que serão abordados à medida que uma geração interpreta seu cotidiano, status e política.

2.1 Geração *Black Music*, a resistência negra na música afro dos EUA

A década de 1950 é historicamente lembrada como a era do progresso musical negro. É nesse contexto social estadunidense que o termo *Black Music* começa a surgir e fazer parte dos espaços coletivos entre jovens e adultos. Esse movimento nada mais é que a junção artística musical da cultura afro com a estadunidense, chegando assim a ser reflexo para o surgimento de inúmeros eventos artísticos de aspecto musical no mundo, a exemplo do *Rock'n Roll*, que se evidenciou no contexto.⁴ Artistas de diversos parâmetros da música negra e branca iniciaram um processo de miscelânea de estilos e gêneros, que a princípio foram propagandeados pelos negros, especialmente por meio do Blues.

Aqui ressalto alguns exemplos de artistas negros que deram prosseguimento a um dos movimentos e repercussões artísticas mais populares mundialmente. A era da *Black Music* ultrapassou e reivindicou através de sua representatividade e expressividade artística um rompimento sob o histórico racista que permeia sob os pontos de vista do cenário estadunidense.

Foi em meio a intensa efervescência da imigração e colonização europeia que muitos dos negros que viviam na zonal rural estadunidense ainda não tinham acesso a instrumentos de sopro e corda, a exemplo do violão e da gaita, com isso muitos

⁴ [Saiba mais sobre o Black Music - Guiame](#)

Esses artistas anônimos passavam longas horas cantando vários ritos e louvores, que em grande medida se conectam ao divino, letras que se diversificaram ao longo dos dias cansativos de trabalho intenso, o que evidenciava o contexto escravista que vigorou em muitos territórios rurais dos Estados Unidos.

Uma característica bem significativa do blues rural como bem enfatiza (GUIMARÃES, 2013) era o contexto realista descrito em grande parte das letras que traziam a realidade da vida na colheita de algodão, em umas das canções que trazem seguinte referência a vida dos negros no campo foi a música *Country farm blues* do cantor *San House*, o que diferia das canções de blues urbano que contextualizam a imigração de sulistas que buscavam melhores condições de vida fora de seu contexto social.

Apesar das distinções acerca do blues urbano e rural, ambos constituíram influências significativas para o surgimento do Rock n'roll branco que trouxe em sua descrição estética as danças sensuais, o canto grave e o uso de uma pluralidade instrumental que posteriormente seriam motivos de forte crítica social por parte da comunidade mais conservadora e tradicional.

Com isso, é a partir dos anos 1950 que artistas como Chuck Berry, Bo Diddley e Jimi Hendrix, foram exemplos expressivos da originalidade do Rock n' roll, com exceção de Rosetta Tharpe, que já alcançou notoriedade desde os anos 1940 e serviu de inspiração para a geração posterior. Estes, por sua vez, são alguns dos inúmeros ícones da música negra que deram o ponto de partida para o progresso estético de suas músicas. O *Rock n' roll* também teve vínculos com a música branca estadunidense, especialmente o gênero country. Para tanto, dois artistas brancos de renome receberam influências da música negra: Bill Haylley e Elvis Presley, contribuindo igualmente para o gênero *teen* do rock, que foi representado por Rick Nelson, artistas esses que deram um salto para a jornada cultural da música negra e branca.

2.1.1 Sister Rosetta Tharpe, uma voz vibrante e feminina no Rock and Roll

Rosetta Tharpe foi uma das grandes artistas femininas do *Rock'n Roll* a partir dos anos 1940 nos Estados Unidos. Nascida em 20 de março de 1915, ela era filha de coletores de algodão Katie Bell Nubin e Willis Atkins, nas terras de Cotton Plant no Arkansas região que vivenciava uma política segregacionista muito rigorosa. Katie, sua mãe, nunca imaginaria que em meio a simplicidade da educação e da época que impunha regras separatistas entre negros e brancos, nasceria uma grande artista que conquistou um grande público de admiradores.⁵

Foi através do vínculo com a igreja, que Rosetta frequentava ao lado de sua mãe, que era uma fiel devota da igreja de Deus em Cristo, que seu talento musical foi desenvolvido inicialmente. Foi assim que surgiu um dos importantes ícones femininos da *Black Music* estadunidense. Além de trazer contribuição para a música, Rosetta também trouxe sua representatividade como mulher artista e negra, algo que era incomum para a década conservadora que vivenciava.

Fotografia 1 – Sister Rosetta Tharpe



Fonte: [An essential guide to the music of Sister Rosetta Tharpe | CBC Radio](#)

Foi no meio religioso que Rosetta Tharpe descobriu seu talento para a música. Dona de uma voz marcante dentro do blues e rock and roll, a cantora também tocava

⁵ [Rosetta Tharpe: a mulher que inventou o rock - Revista Bula](#)

piano e guitarra, que alternavam entre suas canções com letras que eram dedicadas à sua fé em Deus. Rosetta também sofreu diversas críticas e ataques ao longo de sua carreira devido ao seu estilo de composição musical, ao unir ritmos até então não aceitos pela sua vertente religiosa, como o uso de guitarra e o som relativamente pesado, que eram atribuídos a um tipo de música profana que também favorecia os ritmos de danças que se popularizou naquela época.

Rosetta gravou várias músicas de sucesso, uma das mais populares que ficou reconhecida na história da música como a primeira gravação de *Rock'n Roll* foi “*Strange Things Happening Every Day*”, lançada em 1944 e batizada pela história como a primeira música do rock composta por uma mulher negra em meio aos adventos políticos que por vezes barravam esse tipo de música. Mesmo em meio a pressão conservadora de sua época, Rosetta não se deixou levar pelas circunstâncias sociais e políticas que impunham a desigualdade como princípio institucional.

Por isso, ela se tornou renomada artista e é conhecida como a “madrinha do *Rock'n Roll*”, fazendo parte de exposições musicais durante a Segunda Guerra Mundial, conseguindo a autorização para seguir com suas apresentações, fazendo shows até mesmo para os soldados. Seu nome também se encontra registrado em uma famosa revista estadunidense conhecida como *Revista Billboard* em 1942:

Figura 2: Revista Billboard, edição de 30 de maio de 1942 – página 25

The Savoy Ballroom up New York's Harlem way has already been endeared in jive with the *Stompin'* opus of an earlier year. The A side is now another using that jitterbug palace as a well of inspiration. This one, by maestros Lucky and Bill Doggett, is the average run of riff tune in fast-jump tempo. Band bears down heavy for the opening and closing choruses. Filling in is the singing of Trevor Bacon and a chorus split between a hot trumpet and piano tinkles. Band takes to the background for the platter-mate, and it's Sister Rosetta Tharpe for the rock-and-roll spiritual singing. Guitar introduces the spiritual and Miss Tharpe's vocal preachments fill the side. It's the second turn on wax for *Rock Me*, Miss Tharpe having cut it before for the label while still a single.

Fonte: [Sister Rosetta Tharpe: conheça a mulher que inventou o Rock \(dimitrivieira.com\)](http://dimitrivieira.com)

Além disso, Rosetta foi uma mulher muito importante na arte musical sendo ícone influenciador de outros artistas que surgiram nas próximas gerações do *Rock'n Roll*, a exemplo de Jimi Hendrix e B.B King. Muitos artistas já ouviam Rosetta Tharpe, pois sendo considerada a mãe do *Rock'n Roll*, ela foi uma importante referência para a

geração de 1950. Seu nome ganhou ainda mais notoriedade ao longo dos anos e após sua morte no estado da Pensilvânia, o dia passou a ser considerado feriado em sua homenagem. Por isso, o dia 11 de janeiro ficou registrado e sua voz marcante nunca foi esquecida.

2.1.3 Chuck Berry, o pai do *Rock'n Roll*

Chuck Edward Anderson Berry ou simplesmente Chuck Berry foi um dos importantes artistas musicais e influentes do que viria a ser chamado de *Rock'n Roll* nos Estados Unidos. Ele nasceu em Saint Louis, em 18 de outubro de 1926, dando início a uma carreira de muito sucesso e prestígio no âmbito cultural estadunidense. Além disso, Chuck tinha vínculo familiar com pessoas que foram escravizadas durante o período de migração das áreas rurais do sul estadunidense, seus pais eram netos dessas pessoas que vivenciaram a intensa escravização nos Estados Unidos.

Apesar das dificuldades que sua família passava em um contexto de segregação racial, sua mãe conseguiu entrar na universidade recebendo uma boa formação, e seu pai era integrante de uma igreja como diácono, enquanto trabalhava com carpintaria como recurso de renda. Berry, também passou por uma fase difícil em sua juventude, por ter sido praticante de alguns crimes e furtos, o que o levou para uma escola juvenil a fim de conter os assaltos que vinha fazendo na região.⁶

Todavia, apesar das dificuldades que vivenciava sua família em uma região duramente rígida acerca do acesso dos negros nos distintos âmbitos sociais como a questão da educação, Chuck Berry conseguiu ultrapassar as adversidades da sua época, tornando-se um dos principais expoentes da música *blues* e *rock'n roll*. Por isso, ao longo da vida, ele teve vários interesses que iam da carpintaria, fotografia até se transformar em música.

O talento musical de Berry começou a ser desenvolvido em uma circunstância religiosa, quando ele resolveu cantar junto ao coro da igreja quando tinha seis anos de idade. Seu gosto musical começou a se aperfeiçoar ao longo do tempo, tendo aprendido a tocar violão desde muito cedo. Foi assim que Berry conseguiu espaço para sua primeira apresentação no ano de 1941 enquanto ainda estudava.

⁶ Fonte: [Chuck Berry \(omegawebhosting.net\)](http://omegawebhosting.net); [Chuck Berry - Songs, Death & Age - Biography](#)

A voz e a guitarra elétrica passaram a ser baluartes dessa juventude. no entanto a guitarra elétrica foi mais incisiva que a voz porque Elvis tinha como influência além do rylhm and blues dos negros O ídolo Frank Sinatra (que não via com bons olhos esta nova música) que representava outra geração, mas ninguém tocava guitarra como Chuck Berry e isso estava mudando esteticamente a música popular norte-americana. Mas Berry era negro talvez por isso a guitarra elétrica tenha ficado em segundo plano. depois fortemente influenciado por ele virá Jimmi Hendrix, outro negro, mas com ele a guitarra elétrica vai ganhar status de ícone. (SOUZA, 2002, p. 1)

Seu nome e singularidade musical alcançaram com intensidade a geração dos anos 1950. Influenciados pelo talento original de Berry no uso de guitarra, um som que conseguia atrair não apenas pelas suas letras, que ressaltam assuntos relacionados à vida adolescente e juventude, geralmente relacionados a insatisfação social, Chuck Berry inspirou e influenciou várias camadas sociais da música através de suas letras e ritmos dançantes. Exemplo disso é uma de suas músicas mais famosas, *Johnny B. Goode*”, que nos conta a história de um jovem rapaz que mal sabia ler, mas que tinha uma grande habilidade para tocar guitarra e que vivia em condições difíceis de moradia.

Fotografia 3: Chuck Berry



Fonte: Site Chuck Berry – CMG Worldwide

Sendo um dos ícones consagrados do *Rock'n Roll* nos Estados Unidos, Chuck Berry não só inspirou jovens de sua época a abraçarem este gênero como um segmento cultural, seja no aspecto de apropriação musical como para um novo estilo

de vida e formas de se pensar. Por isso, esse gênero foi inserido desde muito cedo numa sociedade que não mais suportava viver sob dogmas e doutrinas ultrapassadas. Assim como Chuck Berry e tantos artistas de sua época, a sua representatividade musical serviu como uma manifestação de uma nação insatisfeita a procura de renovação social e cultural, de seus espaços de circulação social, o que posteriormente, a partir da *Black Music* a música obteve ao lado dos movimentos sociais uma intensa atuação que as gerações seguintes vivenciaram.

2.2 A Contracultura enquanto meio de manifestação social na década de 1960

A geração dos anos 1960 recebeu em grande medida princípios sociais e políticos que já vinham sendo enaltecidos desde a década passada, através da cultura musical e artística que já estava em desenvolvimento crítico e social naquela época. Por vezes insatisfeitos com o sistema político e a elite social, que abarcava os direitos civis e sociais na comunidade, a história nos traz registros de como que a classe média da sociedade se organizava por meio de movimentos sociais e também artísticos para expressar seus anseios e insatisfações enquanto cidadãos. Sendo assim, a música tornou-se um importante ato simbólico de resistência aos paradigmas e doutrinas sociais.

O maio de 1968 francês talvez seja um dos exemplos na história dos movimentos sociais de contestação que vinham ocorrendo em muitos países europeus. Esses protestos estavam ligados a movimentos de cunho socialista, que vinha ocorrendo no mundo e que surgiram devido ao alto percentual de desemprego no mundo, a desigualdade e decadência do sistema educacional, entre outros problemas. Na França esses problemas já estavam na discussão dos estudantes e professores, que estouraram em mobilizações e levaram à prisão de seis estudantes, criando um cenário propício para o protesto com cerca de 150 pessoas.⁷

Entretanto, os protestos estudantis que estavam ocorrendo na França tiveram seu ápice a partir das medidas restritivas do então presidente na época De Gaulle, que não renunciou ao seu cargo mesmo num momento que ameaçava sua gestão. Por isso, ele ameaçava os trabalhadores de retornarem aos seus trabalhos por pressão

⁷ [Maio de 1968: contexto, causas, o que foi, fim - História do Mundo \(historiadomundo.com.br\)](http://historiadomundo.com.br)

da polícia, conseguindo se reeleger nesse contexto. Para tanto, os movimentos sociais que vinha acontecendo criticavam o respaldo que a elite política tinha sobre os benefícios sociais, que provocava um crescimento gradual na questão da desigualdade social.

Nesse contexto, a música provocava nos centros políticos um abalo defronte as ideias e doutrinas políticas conservadoras que vigoravam durante aquele período. Como bem enfatizamos nos itens acima, a representatividade negra na música foi de grande importância como fundamento para os movimentos sociais que estavam ocorrendo, todavia, não podemos deixar de destacar que o *rock'n roll* não foi o único gênero musical que norteou estes movimentos sociais:

Mas também não podemos cair no erro de exagerar a função da música negra no Rock. Se ele é fruto do público que o consome e este já se definia na segunda metade da década de 50, isto é, se seus ideais, sua visão própria da realidade, seus valores diferenciados do mundo adulto já se configuravam, anarquicamente de início, mas claramente a partir dos anos 60, enfim, se tudo isso é verdade, então o Rock viria com ou sem música negra. Seu papel não foi causador, mas inspirador das formas que aquele Rock assumiria. A prova disso está na emergência do rock inglês, sem dúvida afinado com o americano (e, portanto, com a música negra) mas já adquirindo contornos próprios a partir dos jovens operários e da classe média baixa que procuravam um novo veículo onde pudessem exprimir o que pensavam a respeito de coisas concretas como família, escola, poder, amizade, drogas e, especialmente, amor. (CHACON, 1963, p.12)

Dentre os movimentos sociais que vinham ocorrendo no mundo, um dos mais famosos que inspirou e inspira as populações na contemporaneidade destacamos o grande festival de *Woodstock*, que foi uma das mobilizações mais inovadoras da música, além da inserção de conceitos provindos do budismo e hinduísmo.

Essa geração foi inspirada por ideais políticos da esquerda ao lado das doutrinas filosóficas orientais, utilizando-se de vestimentas coloridas e um novo estilo de vida que vinha se concretizando a partir do ideal de liberdade, paz e amor. Nesse contexto, as guerras e os embates políticos vinham crescendo no mundo, a exemplo da Guerra do Vietnã. Por isso, as contestações eram voltadas para o combate às tradições conservadoras.

Com isso, ao lado das festividades musicais englobando o *rock'n roll* e seus subgêneros, a crítica social ao machismo, racismo e os ideais conservadores permearam esse festival. Artistas como Bob Dylan, Janis Joplin e Jimmy Hendrix

foram artistas de grande renome do evento, como bem destaca Carlos Alberto M. Pereira em seu livro “O que é contracultura?”:

É, no entanto, nos anos 60, que essa explosão político-cultural ganha potência máxima. Na música, o ié-ié-ié dos Beatles e o novo som de Bob Dylan começavam a reunir um público crescente cada vez mais significativo diante da opinião pública. A segunda metade da década é marcada por grandes concertos e festivais de rock que, na verdade, se transformavam sempre em grandes *happenings*. Entre alguns mais importantes estão o de Monterey, em 1967, quando surgem Jimmy Hendrix e Janis Joplin; o do Woodstock, em 1969; o de Altamont, ainda no mesmo ano quando um negro é assassinado pelos Hell’s Angels, evidenciando-se a presença da violência no interior da contracultura, e finalmente, o da ilha de Wight. (PEREIRA, 1992, p. 10)

A contracultura nasceu a partir de uma geração que carregava uma série de influências e valores culturais que se estabeleceram na comunidade mais jovem daquela época seguindo para outros países. Nesse sentido, a ênfase simbólica estava nas repressões sociais, de modo que a imprensa estadunidense teve um importante papel neste trajeto de exportação e adaptação cultural.

Todavia, é importante enfatizar que não podemos reduzir os movimentos artísticos que aconteceram em outros países como uma influência exclusiva dos Estados Unidos, isto porque, como veremos adiante muitos artistas brasileiros alcançaram notoriedade fora de seu país de origem. A contracultura representou para muitos países que o adotaram não apenas uma sinalização artística e cultural, mas uma forma de se rebelar contra as insígnias que ameaçavam a liberdade de expressão:

A contracultura foi certamente propiciada pelas próprias doenças de nossa cultura tradicional. Tais doenças condicionaram seu surgimento, como um antídoto, ou anticorpo necessário à preservação de um mínimo de saúde existencial que passou a ser socialmente exigido pelo próprio instinto de sobrevivência de nossa vida em comum. (PEREIRA, 1992, p. 16)

O grande evento do Woodstock, ocorrido em 1969, reuniu uma diversidade de símbolos culturais, a inclusão de princípios provindos da cultura oriental e a mescla de gêneros musicais como o *rock* alternativo e o *indie*. Esses gêneros foram muito cultuados nesses eventos, sem esquecer o uso de drogas que marcou a juventude daquela época. Para isso, as universidades tornaram-se os locais da revolta dos jovens, que se organizavam em grupos onde protestavam segundo seus conceitos e convicções políticas.

Essa “geração beat”, como bem ficou reconhecida na história, inovou dentro de suas comunidades um novo gênero de contestação social, onde englobava a música, as tradições orientais e principalmente o despreendimento dos padrões estéticos e de comportamento exigidos pela estrutura social marcadamente conservadora. Para Wlisses James de Farias, a geração beat se apoiava em um ideal de higiene espiritual através de suas crenças e ideologias apoiadas no orientalismo:

O movimento beat teve várias denominações ou significados, entre eles a ideia de uma purificação de espírito (beatitude), influenciado por religiões orientais como o Budismo, pregava uma vida aventureira, fora dos padrões exigidos por esta nova América extremamente conservadora, com seus adeptos rodando as estradas norte americanas em busca de encontrar seu lugar fora do *american way of life*, ouvindo jazz, be-bop e lançando livros onde tentavam demonstrar seu descontentamento com os rumos da sociedade em que viviam. (FARIAS, 2014 p. 12)

Por conseguinte, a década de 1960 é um dos momentos da história cultural que mais promoveu mudanças comportamentais através dos vínculos entre os jovens daquela geração, possibilitando novos moldes e parâmetros de convivência social. Ao lado do lema “liberdade de expressão e comportamental”, que formavam a mentalidade e estilo de vida dos hippies, foi possibilitado pelas viagens aos eventos que ocorreram em algumas regiões dos Estados Unidos, como foi com o Woodstock.

Tal evento aconteceu em uma fazenda na cidade de Bethel no estado de Nova York entre os dias 15, 16 e 17 de agosto de 1969. Geralmente, os eventos de caráter contracultural aconteciam em locais abertos e amplos, onde se mantivesse um contato direto com a natureza e os jovens consumiam drogas ilícitas, como o LSD e a maconha. Sobre isso, é importante ressaltar que ocorreram ataques à comunidade hippie, a exemplo do festival de Altamont onde a banda Rolling Stones se apresenta.

Nesse evento, um grupo de motoqueiros conhecidos como Hell’s angels (“Anjos do inferno”), promoveu uma série de ataques de violência especialmente em quatro jovens sendo que um deles negro (SILVA, 2016). Tal ato acabou gerando o afastamento imediato daqueles que viam nos hippies um estilo de vida libertino, que apenas enaltece a paz, igualdade e amor na sociedade. Mobilizados ainda pelo impacto dos eventos que ocorreram durante os anos 1960 e a derrocada dos mesmos, um novo cenário musical se ampliou para aqueles que já consumiam os gêneros interligados ao *Rock’n Roll* nos Estados Unidos. Por isso, a década de 1970 ampliou

novas vertentes da contracultura, promovendo o surgimento de outros segmentos musicais até se expandir para outros países, como foi o caso do Brasil, que veremos a seguir.

3 O BRASIL, O NOVO CENÁRIO DO GÊNERO MUSICAL *ROCK AND ROLL*

*Foi lá na porta do cinema,
começou dançando
Rock'n Roll
Era de dia, ninguém via,
mas fazia o sinal do soul*

*(Cauby Peixoto,
Rock and roll em Copacabana,
1957)*

Após uma temporada nos Estados Unidos sob seu pseudônimo artístico Rob Con, Cauby Peixoto retorna ao Brasil com uma das primeiras gravações do rock n roll em seu país de origem, sinalizando para o público de sua geração um novo estilo musical ainda desconhecido nos anos de 1957, ano este que o artista grava sua primeira composição do gênero intitulada *rock n roll em Copacabana*.⁸ Sendo assim, Cauby, depois de sua estadia nos Estados Unidos acabou de certa maneira sendo influenciado pelos gêneros musicais que já faziam sucesso nos Estados Unidos, a então música gravada pelo cantor tinha em seu ritmo traços do blues e jazz provenientes dos artistas já consagrados da década de 1950 estadunidense.

Apesar de não ter sido o primeiro artista brasileiro a cantar rock n roll, a cantora Nora Ney já havia deixado seus primeiros registros musicais em 1955. Todavia, Cauby foi um artista expoente do gênero no Brasil que posterior a Nora Ney marcou aquela década artística em seu país com inovação, gerando assim para as próximas gerações novos estilos musicais e artísticos, símbolo da pluralidade cultural presente no país. Segundo (CANTINELLI, 2014) as transformações culturais no âmbito musical brasileiro que começava dentro da década de 1950 eram resultado de um consumismo de produto importado e que em grande parte das músicas brasileiras não representavam a realidade do contexto que vivenciavam, mas que procuravam incluir um outro modelo de sociedade no país. Mesmo não sendo tão reconhecido no Brasil,

⁸ Ver: [Cauby Peixoto gravou o primeiro Rock brasileiro \(gazetadopovo.com.br\)](http://gazetadopovo.com.br)

o público tanto jovem como adulto abraçou um outro segmento cultural sendo este produto das interações sociais consumidoras do gênero, logo, o que antes era pouco conhecido passa a ser parte da comunicação destes grupos, bem como sua incidência em programas artísticos brasileiros como vem a ocorrer na década de 1960.

A indústria fonográfica foi introduzida no Brasil logo no início do século XX, no ano de 1902 por Fred Figner e sua casa Edison, foi a partir desse momento que na música brasileira havia a predominância da repetição dos padrões fonográficos internacionais (NAPOLITANO, 2002) como o acompanhamento orquestral de cordas e metais, sendo assim, o mercado fonográfico ampliou-se no país, abraçou a diversidade musical provindas tanto das suas influências no exterior como de sua própria originalidade. Assim como Cauby Peixoto e Nora Ney, suas músicas possuíam no início a expressiva influência das músicas internacionais, bem como o ritmo e a forma como eram cantadas pelos artistas brasileiros.

Logo, no Brasil, o gênero começou a ser tocado no rádio onde geralmente algumas dessas canções eram uma adaptação brasileira do rock estadunidense. Com a incidência da indústria fonográfica que crescia no país, artistas brasileiros passaram a regravar e ampliar o rock em programas de sucesso. Nesse sentido, (SOUZA, 2017) destaca que esse período puramente imitativo do rock estadunidense no Brasil é denominado como Pré-Rock brasileiro, em que grande parte dos artistas do país ainda não tinham adaptações próprias do gênero e passavam a regravar canções que faziam sucesso no exterior.

Esse momento foi significativo para a inclusão de outros gêneros musicais na história cultural e artística do Brasil, destacamos que o rock não apenas foi produto da exportação de um produto estrangeiro, mas que é parte do resultado das relações sociais e de sua identidade, resultantes desse processo de comunicação, acessibilidade e interações. Um país que possui uma diversidade cultural bem significativa que não podemos deixar de lado a contribuição de outros povos que incluíram na história do Brasil uma série de registros que trouxeram ao lado de sua originalidade, hábitos e costumes, o surgimento de artistas e intelectuais brasileiros conceituados no âmbito musical.

3.1 Os primeiros acordes de *Rock and Roll* no Brasil

A era de ouro do rádio no Brasil marca um dos momentos de considerável revelação de cantores até então mais reconhecidos no país, e posteriormente no exterior, em especial ao falarmos dos cantores de samba. Esse gênero musical obteve intensa divulgação com a chegada do rádio a partir da década de 1920, e da TV no Brasil em 1950, principais precursores da expansão dos programas musicais no país. Foi nessa circunstância que os programas musicais tiveram notoriedade e repercussão até no exterior, como foi o caso da cantora Nora Ney, que ganhou popularidade nos programas da Rádio Nacional durante os anos 1950, sendo uma cantora do samba que ultrapassou os limites do seu ritmo e ficou lembrada na música brasileira como a primeira cantora do país a gravar uma música de *rock and roll*⁹ intitulado de Ronda *das Horas* onde estreou nos principais programas de rádio dos anos 1950.

Naquela época outros artistas estadunidenses já faziam sucesso com gravações do gênero, como Bill Haylley que gravou a música *rock around the clock*, que foi trilha sonora do filme *Sementes de violência* (1955), este que foi considerado na história do cinema como o primeiro filme a ser lançado com rock em sua trilha sonora ao qual chegou a ser duramente criticado na época por retratar a rebeldia da juventude. Com isso, o filme e a música se tornaram símbolos de expressão de grupos jovens o que surpreendeu o público juvenil que viviam a influência midiática nas vestimentas, nos comportamentos, nas expressões verbais, enfim, no estilo de vida como bem destacou Chacon (1963):

Aproveitando-se das gravações negras e tirando-lhes o excesso de crueza nas palavras, Bill Haley acabou se tornando o pai adotivo do novo ritmo. Teve seus sucessos: *See you later aligator*, *Shake, rattle and roll* e outros, mas o ponto alto foi *Rock around the clock*, incluído no filme *Sementes de violência*, que serviu para fortalecer a imagem convencional que associava delinquência e Rock. (CHACON, p.12)

Logo, o gênero musical ultrapassou fronteiras e países, o que posteriormente seria parte da cultura e identidade de outros povos como vem a ocorrer no Brasil.

⁹ Ver: [O primeiro rock do Brasil foi gravado por uma cantora de samba: Nora Ney ~ Memórias Cinematográficas \(memoriascinematograficas.com.br\)](http://memoriascinematograficas.com.br)

Sendo assim, com o avanço das tecnologias de imprensa e propaganda o rock chega ao Brasil a partir da criação de vários programas de músicas que estrearam no país contribuindo para a fama de muitos artistas como a cantora brasileira Nora Ney, que regravou a música *Rock around the clock* de Bill Hayley. Além desse sucesso, a cantora era conhecida pelas suas letras musicais que ilustravam os sofrimentos, a melancolia e angústia, como a música *Ninguém me ama*, canções que posteriormente agregaram e contribuíram na construção de canções e ritmos de cantores do referido gênero musical.

No período de sucesso da Nora, o Brasil já possuía alguns artistas que viam no Rock um novo modelo de se fazer música ao lado da criatividade dos cantores brasileiros que buscavam trazer inovação em suas composições. Um exemplo disso foi o cantor Cauby Peixoto, que fez regravações populares na era de ouro da música brasileira, tornando-se um dos artistas que mais gravou músicas estrangeiras em discos lançados na década de 1950.

Foi no mesmo período de gravação da música *Conceição*, que Cauby trouxe ao público brasileiro a gravação da música *Rock in Brazil* ou conhecidamente *Rock and Roll* em Copacabana, que ficou entre uma das primeiras gravações do Rock and Roll brasileiro. Ao lado de Nora Ney e Cauby Peixoto, outros artistas acabam sendo influenciados e seguindo o gênero até então ainda desconhecido no Brasil naquele momento.

Foi nesse período que os irmãos Celly e Tony Campello se tornaram conhecidos pelas gravações de músicas de *Rock and Roll*. Eles eram naturais de São Paulo, com família originária da cidade de Taubaté, eles se mudaram para a região interiorana do estado onde os irmãos alcançaram destaque nacional no âmbito artístico. Desde muito cedo os irmãos já demonstravam aptidão para a música, a exemplo da pequena Celly Campello que com apenas cinco anos de idade já se expressava perfeitamente com sua voz suave e meiga, a Celly já demonstrava o que viria a se tornar posteriormente. Foi assim, que através dos contatos com rádios locais que a menina Celly com apenas seis anos de idade alcançara notoriedade cantando em programas musicais de rádio com na estreia do programa Silva Neto da Rádio Difusora, foi assim que ao longo dos anos a cantora foi convidada para participar de vários programas, assim como atuando artisticamente como cantora oficial, gravando vários discos que deram fama a sua voz singular e doce que conquistara muitos que

acompanhavam os programas de TV da época onde conquistou notoriedade em programas de TV como a antiga TV Tupi, espaço onde Celly bem como seu irmão Tony Campello ficaram reconhecidos a partir de suas canções por terem proximidades as músicas de country popular americana, canções que se diversificaram entre a música branca e negra.

Sendo assim, entre as canções de maior sucesso deles estão *Estúpido coração* e *Banho de Lua*, que estiveram entre as músicas mais transmitidas daquela época. Os irmãos Campello foram mais ousados posteriormente na chegada dos anos 1960, levando-os a se tornarem apresentadores do programa Hi-Fi, produzido e transmitido pela Rede Record, que era local para o encontro e a exposição de muitos artistas brasileiros até então anônimos. No ano de 1959, Celly segue com maior predominância artística compondo novos singles e canções lançando na sequência seu primeiro LP com doze músicas.¹⁰

Entretanto, o programa acabou que saindo do ar a partir do ano de 1962 com a saída de Celly Campello que posteriormente abandona sua carreira artística. Lembrada a partir dos sucessos de *Rock and Rool*, Celly foi chamada de Rainha do Rock do Brasil pela Revista do Rock, deixando assim uma contribuição inegável na música brasileira.

Esse período também se tornou conhecido pelo movimento musical da Jovem Guarda, construído por artistas como Roberto Carlos e Erasmo Carlos, os mais conhecidos deste período, e que trouxeram novas configurações para o *rock and roll* no país. Esse movimento também se tornou inspiração para a juventude da época e fortaleceu ainda mais a influência do rock no país. Para tanto, foi nesse encontro de estilos musicais que o rock n roll adentrou no país já marcado por uma diversidade de elementos musicais para se inspirar e se misturar como alega (GUIMARÃES, 2013) que no Brasil o rock n roll se popularizou não apenas pela pluralidade musical, mas pela bagagem de experiências que muitos produtores brasileiros tinham, sendo então suficientes para o aprimoramento de produções do referente gênero musical.

Nesse ínterim, a Jovem Guarda se destacou em programas de TV durante os anos 1960 e 1970, um contexto político marcado por uma série de mudanças comportamentais e ideológicas. Esse movimento criou ao longo da sua formação e

¹⁰ Ver: [Celly Campello: o início do rock como expressão jovem no Brasil \(whiplash.net\)](http://whiplash.net)

história importantes nomes artísticos, que naquele momento atraíram uma massa de jovens para o sucesso de Erasmo Carlos, Roberto Carlos e Wanderléa.

Nesse universo da música brasileira que vinha atualizando sem deixar de lado as suas especialidades, algumas das influências estrangeiras daquela época foi a banda *Beatles*. A partir deles, no Brasil e quiçá no mundo começou a aparecer artistas que, de alguma forma, possuíam características estéticas e musicais que lembravam esta banda. Com a inclusão de guitarra elétrica e entre outros atributos da música estadunidense, o *rock and roll* no Brasil ganhava outros contornos.

Todavia, alguns desses músicos e programas que evidenciaram esse novo estilo musical foram alvo de críticas devido a importação de cultura estrangeira, seja no quesito estético ou musical, críticos e intelectuais que não aceitavam o novo conceito que estava se estabelecendo dentro do panorama musical brasileiro:

Artistas ligados à MPB dita engajada criticavam não apenas a pretensa despolitização do conteúdo das músicas dos cantores da Jovem Guarda, mas também a forma despolitizada de suas canções: estes artistas não estavam inseridos na “tradição” musical brasileira, pois representavam, com suas guitarras elétricas e discursos modernizantes, a ideia de invasão cultural estrangeira (CANTINELLI, 2014, p.35).

A partir de então, artistas brasileiros iniciaram um momento de revolução estética tanto nas letras musicais como no estilo e comportamento social, como a utilização de outros instrumentos e ritmos pesados, roupas descoladas e cabelos longos, constituíam o novo aspecto cultural daqueles artistas. Assim, como ocorreu no panorama artístico dos Estados Unidos, no Brasil alguns desses artistas já apresentavam a partir das letras musicais o inconformismo perante a juventude em transformação, representando a questão da rebeldia em suas canções.

Esse movimento musical no Brasil foi a Jovem Guarda, cujas canções sintetizam a melancolia provinda das decepções amorosas e até mesmo a solidão afetiva em suas letras. Vale lembrar como esse modelo esteve presente na música brasileira desde Nora Ney, que bem contextualizou as ilusões amorosas em meio as suas canções.

É nesse momento de revolução cultural que a Jovem Guarda estava inserida e mesmo não sendo inicialmente um movimento musical de cunho político, muitos artistas desta época não deixavam de expressar o inconformismo perante as censuras

promovidas pelo golpe militar de 1964. No exterior, estas mudanças comportamentais já eram evidentes, mulheres começavam a usar novos cortes de cabelo e roupas, que agregam simbolicamente na insatisfação dos jovens perante o regime político que ali vivenciavam.

A Jovem Guarda contou com um importante empreendimento de marketing que contribuiu ainda mais para a explosão de audiência do programa onde contou com o apoio de produtores da emissora e Agência Magaldi, Maia & Prospero publicidade de São Paulo (ZAN, 2013), sendo assim para a apresentação inicial do programa foi escalado Roberto Carlos que naquele momento fazia sucesso com os lançamentos de seus discos. Além da fama dos apresentadores iniciais do programa, uma outra característica notável desses artistas que foram símbolos da moda e estética juvenil naquele período eram os cabelos longos, nesse caso, o visual também contribuiu inicialmente como característica principal daqueles artistas.

Nesse contexto, o *Rock and roll* brasileiro inicialmente fora visto como um gênero despolitizado, pois em grande parte de suas letras não se encontravam evidências que dessem a entender que se tratava de uma crítica política. Entretanto, ao que concerne o estilo de vida e formas de se vestir simbolizavam uma mudança de comportamento contra a tradição comum da sociedade naquela época.

O caso do rock no cenário cultural brasileiro da década de 1960 exemplifica a ideia do uso do estilo enquanto forma de contestação; se a Jovem Guarda era acusada de ser representante de um estilo cultural “imperialista”²³, fosse pelas próprias músicas, fosse pela moda e pelo comportamento atrelados ao estilo, os tropicalistas utilizarão o rock como uma das formas constituintes de seu movimento musical, com o claro intuito de desconstruir as amarras ideológicas impostas pela vanguarda musical brasileira, composta pelos artistas ligados ao movimento da MPB do período. (CANTINELLI, 2014, p. 42)

Apesar das críticas que circulavam em torno do gênero musical no Brasil, os anos 1970 até meados dos anos 1980 foram importantes para a criação dos subgêneros do rock, que agora transformaram muitos grupos musicais e cantores brasileiros em uma outra forma de demonstrar as mudanças e críticas sociais. A Jovem Guarda inspirou muitos destes artistas, entretanto, os subgêneros compõem outros segmentos rítmicos estando assim inseridos em um contexto de embates sociais e políticos.

Um dos grandes expoentes do rock no Brasil que enfatizou bem esse novo comportamento da música brasileira foi Raul Seixas. Exemplo disso eram as letras de músicas como “Mosca na sua sopa”, lançada no ano de 1973 ainda no contexto da Ditadura militar, que simbolizou de forma irônica uma crítica ao regime político que se estabelecia no país. Por meio de outros ritmos e instrumentos, inspirado pelos ritmos africanos e afro-brasileiros, Raul Seixas deixou uma das músicas mais marcantes de sua carreira em um momento de grande turbulência do cenário político.

Ao lado de Paulo Coelho, Raul Seixas produziu muitas canções que de algum modo chegaram a ser motivo de questionamentos por parte do governo militar, isso ocorreu quando Raul Seixas e Paulo Coelho compuseram a música *Krig-ha, Bandaló!*, canção esta que levou ambos artistas ao DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) para serem questionados acerca do real significado da música. Mas além de Raul Seixas, outros artistas também surgiram trazendo canções que representam críticas sociais ao sistema político, a intolerância, entre tantos temas. São artistas dos anos 1980 como Cazuzza, Lobão, Renato Russo e outros que representam um país em processo de redemocratização, do fortalecimento dos movimentos sociais e musicais, como o evento de Águas Claras que moveu jovens e artistas durante a ditadura militar.

3.1.2 O Festival de Águas Claras, Woodstock brasileiro

Talvez uma parte da população brasileira lembre sobre o festival de Águas Claras que reuniu uma diversidade de artistas da música brasileira. Mesmo não sendo um festival de cunho político, o evento se organizou dentro de uma época de grande agitação política, isso porque vivenciávamos a Ditadura Militar, período que foi marcado pela censura de alguns artistas que até então eram os mais considerados entre as produções musicais – como Gilberto Gil e Caetano Veloso.

Eles foram um dos alvos de atenção por parte do governo militar devido às músicas que continham teor crítico, uma das letras que podemos citar é “Alegria, Alegria” de Caetano Veloso, que trazia em síntese algumas de suas visões acerca do panorama político que se convergiram até metade da década de 1980. O festival de Águas Claras foi um evento simbólico de como a identidade e cultura de uma

determinada comunidade pode se tornar fragmentada, com a inclusão de novos estilos musicais, bem como seu visual e estilo de vida podem ser modificados.

Uma década atrás os Estados Unidos foi cenário de um evento underground no ano de 1969 onde recebeu diversas comunidades de hippies e jovens bem como vem a acontecer no Brasil com o festival de Águas Claras que notoriamente recebe influências do grande evento Woodstock estadunidense.

O festival de Águas Claras nasceu na década de 1970, mais exatamente no ano de 1975 quando um jovem morador da região e filho de um dono de uma fazenda na localidade, Antonio Cecchin Jr., mais conhecido como Leivinha, com o auxílio do pai, organizaram a realização do grande evento que teve quatro edições, sendo o seu fim nos anos de 1984.¹¹

Nesse período algumas bandas de rock do Brasil se apresentaram no festival, a exemplo da banda Mutantes, Raul Seixas e Erasmo Carlos, que foram destaques do evento. O festival que ficou conhecido popularmente como o *Woodstock brasileiro* ganhou repercussão entre outros estados do país, alcançando destaque na mídia, onde teve transmissão pela TV Band. O festival agregou muitos jovens hippies com seus cabelos longos, roupas coloridas, fortalecendo seus ideais de liberdade enquanto formas de se comportar, além do uso livre de drogas que também estiveram presentes durante o evento.

Fotografia 4: Festival de Águas Claras



Fonte: Festival de Águas Claras foi o *Woodstock brasileiro* (obviousmag.org) Acesso em 03/03/2022

¹¹ Ver: [Festival de Águas Claras: o Woodstock brasileiro ganha documentário - POP FANTASMA](#)

O festival de Águas Claras também fora um dos primeiros eventos musicais ao ar livre no Brasil, muitas pessoas vinham de outros estados para participar do evento, longas viagens de ônibus eram realizadas além de acampamentos em meio a fazenda eram realizados. Barracas foram montadas enquanto jovens andavam livremente sem roupas entre a região, o que para os costumes e regime político daquela época o festival se tornou um ato de rebeldia por parte desses jovens. Todavia, o evento não contou apenas com um caráter voltado apenas para as comunidades hippies, ele se tornou amplo e plural, contando com uma série de artistas de gêneros variados, incluindo o rock n roll também em sua organização.

O evento foi lembrado pelo documentário “O Barato de Jacanga”, o qual narra a história do acontecimento com fotografias e vídeos durante as quatro edições ocorridas em Águas Claras. Com a riqueza de detalhes e informações de um dos festivais mais emblemáticos do país, que posteriormente serviu de inspiração para inúmeros eventos, como por exemplo, o Rock in Rio que surgiu em 1985.

Festivais e eventos como o referente marcam as mudanças comportamentais e culturais de uma geração para outra, sendo assim, os jovens viam nessas manifestações uma forma de fugir do seu locus comum, buscando uma quebra nos padrões e no que é popularmente comum, eventos como este acabam que sendo assuntos de diversos grupos de pessoas que protagonizam sua própria manifestação artística em seus espaços e redes de interação social. É nessa linha cronológica dos eventos musicais do país que uma rede de acessos e comunicações vão sendo base de exportação e adaptação cultural em outros estados e municípios do país, servindo de estímulo artístico para a realização dos mesmos como veremos a seguir na região nordeste, precisamente no estado da Paraíba.

4 A CENA UNDERGROUND LAVRADENSE ENTRE OS ANOS 1997 E 2021

Neste capítulo abordaremos a cena underground no município de Pedra Lavrada-Paraíba, tendo como marco das fontes encontradas, o ano de 1997 com o Clube do Rock. Diante disso, é necessário situar as origens do Rock no município na década de 1990. Todavia, nosso recorte temporal começa no ano de 1999, com o surgimento da Banda de Rock R2 e, posteriormente, com os festivais protagonizados pela banda entre os anos de 2015 até 2021, além do fim temporário da Banda R2, segundo conversas informais que obtive com integrantes do grupo.

Inicialmente, caracterizamos o palco deste movimento artístico, que é o município de Pedra Lavrada, no Seridó paraibano, local este que ao longo de sua história cultural e artística recebeu através do processo de globalização e sociabilidade mercadológica, a inclusão de aspectos culturais e musicais externos e desconhecidos da realidade da população local. Esta, por sua vez, estava inserida em um contexto social onde o forró e o brega são gêneros musicais mais comuns, principalmente, na metade da década de 1990 de acordo com relatos informais da comunidade.

Essas conversas foram o meio que utilizei como fontes pela falta de fotografias e outros registros que caracterizassem o cenário cultural anterior à cena underground lavradense, que surgiu no fim do século passado e permanece até a atualidade, com eventos que hoje em dia fazem parte da tradição musical e cultural do município, tornando-se inclusive um dia comemorativo, o qual foi instituído por Lei municipal pela então ex-vereadora do Partido dos Trabalhadores (PT), Cleinha Solon.

Para a realização deste debate, utilizamos como fonte e aporte teórico as leituras referentes ao surgimento do Rock, relatos orais por meio de conversas informais com os organizadores dos eventos no município, assim como com os artistas atuantes na cena underground lavradense. Disso surgiram as fotografias cedidas pelos organizadores e artistas dos eventos, vídeos do Youtube, uma entrevista pela Rádio Boa Esperança FM, em 2011, com os integrantes da Banda R2 e o Blog Voz de Pedra, que era administrado pelo professor Roberto Solon.

Para a nossa problematização, buscamos compreender através das leituras teóricas do livro *Sociedade do espetáculo*, do escritor marxista francês Guy Debord

que traz uma importante contribuição sobre o poder das imagens e das representações na sociedade, fatores estes que foram ao longo da história dos movimentos culturais uma referência essencial para a formação da identidade social de uma determinada comunidade e contexto. Como veremos aqui com relação a mídia e sua função direta na sociedade, sendo assim, as imagens constituem dentro desta perspectiva um papel exclusivo no que se refere a inclusão de outros gêneros musicais como o Rock em Pedra Lavrada.

Para entendermos o conceito de identidades utilizamos a leitura do livro *Identidade cultural na pós-modernidade* de Stuart Hall, que nos traz uma compreensão estrutural acerca da moldagem e transformação identitária de uma determinada sociedade por meio das relações sociais e influência imagética, complementando com o pensamento de Zygmunt Bauman em seu livro *Modernidade Líquida*, onde enfatizamos as influências culturais no mundo moderno, cuja máxima é que nada é sólido nos movimentos artísticos, e conseqüentemente, nada é homogêneo. Logo, vivemos em uma sociedade dos fluídos, onde nada é permanente ou se mantém fixo como está, o indivíduo social é mutável de acordo com as representações e imagens que recebe e se permite ser influenciado. Ou seja, a sociedade é líquida a partir do momento em que ela permite ser modificada pelas representações e influências imagéticas como bem ressalta Guy Debord, tendo a indústria cultural e as mídias sociais como propulsoras deste movimento de transformações identitárias nas relações sociais, nas linguagens, nos modos de vestir e se comportar como vimos ao longo da trajetória musical do Rock no mundo.

Por isso, buscamos não apenas conhecer a história do Rock e dos eventos artísticos na cidade de Pedra Lavrada, mas sim compreendermos como esse gênero musical se estabeleceu em uma comunidade onde o gênero musical é desconhecido ou por vezes criticado e marginalizado. Para isso, identificamos o início mais distante da cena underground nos anos de 1997, seguindo posteriormente com a fundação da Banda R2 e seu protagonismo artístico a partir dos anos 2000 até a atualidade, mesmo com o fim temporário do grupo, isto porque, o evento de Rock local ainda permanece atuante com alguns dos integrantes do grupo anterior. Por isso, enfatizamos a questão da representatividade cultural na cidade e como hoje em dia se constitui uma tradição artística na comunidade.

4.1 O Clube Do Rock Lavradense Da Década De 1990

O Rock como vimos anteriormente já estava em atividade nos eventos musicais estadunidenses desde os anos 1950 e 1960, em eventos musicais e de contracultura em massa, enquanto no Brasil este gênero ainda era desconhecido. Artistas do Rock e seus subgêneros se popularizaram rapidamente nos EUA, tornando-se parte do estilo de vida de muitos indivíduos que se identificavam com as músicas de ritmos dançantes, geralmente com letras que ressaltam um estilo de vida por vezes libertino como na música *Rock around the clock*, de Bill Haley, que posteriormente seria inspiração e trilha sonora para o filme *Sementes da Violência*, em 1955. Nessas canções muitos jovens foram influenciados através das relações sociais que se estabeleciam por meio do encontro recíproco de consumidores do gênero.

Além do ritmo, as letras das canções geralmente contextualizam os sentimentos e as aflições da juventude. A indústria cultural neste segmento foi diversificada para a expansão do Rock e seus subgêneros no mundo, contribuindo tanto para o consumo musical como para a estética dos consumidores que se identificavam com o estilo, o que se expressou em vestimentas de couro, camisas de banda de Rock, cabelos longos e entre outros quesitos que foram se adaptando ao estilo de vida roqueiro. Como enfatiza Ruella (2015):

Um das formas que o rock transmite sua mensagem é através da moda, o surgimento dos ídolos do rock fez com que a moda pudesse ser mais expressiva, com a valorização da juventude, buscando romper com a tradição. A música que se ouve influencia de forma consciente e inconsciente no vestir, as pessoas tendem a expressar o seu gosto musical ou estilo através de suas vestimentas. Os jovens buscam nos ídolos musicais uma maneira de ser diferente de descobrir e definir sua identidade. (RUELLA, 2015, p.39).

O rádio e o cinema foram essenciais nesse encontro de culturas e tradições, tornando-se parte exclusiva do modelo comportamental de muitos jovens. No Brasil, esse gênero musical se estabeleceu gradativamente, alcançando maior protagonismo a partir da segunda metade da década de 1980 e início de 1990. No período de redemocratização, as canções do Rock brasileiro continham críticas à Ditadura militar, isto é, a realidade política e social da época.

Entre os anos de 1960 a 1990, a população brasileira já tinha grande acesso às redes de televisão e rádio, cujas emissoras transmitiam programas musicais com

os mais distintos gêneros como a Jovem Guarda e o Programa do Chacrinha. Jovens consumidores acompanhavam muitos artistas que então faziam sucesso nos programas de auditório e rádio e foi através destes meios midiáticos que o Rock alcançou uma legião de fãs, como bem destaca Guimarães (2013):

O rádio exerceu uma influência direta na consolidação da música *rock*. O rádio fez com que este fosse inserido diariamente na casa de muitas pessoas, fazendo valer a liberdade de expressão e carregando consigo a rebeldia juvenil e outras temáticas pouco comuns no cotidiano dessas pessoas. Depois de algum tempo de veiculação foi descoberto que através das propinas (conhecidas no Brasil como “jabaculé” ou só “jabá”) pagas para os DJ’s, alguns *hits* tornaram-se sucessos mundiais (GUIMARÃES, 2013, p. 35).

Tanto o rádio como a TV foram fontes essenciais para a inspiração identitária da juventude em diversas regiões brasileiras, influenciados por bandas que faziam sucesso como Legião Urbana, Ultraje a Rigor e Titãs. Já na Paraíba, os eventos de Rock começam a ser inseridos na cultura local, na comunicação e nas relações sociais, como ocorre no município de Pedra Lavrada na metade da década de 1990. Para entendermos como se deu este processo de inclusão do Rock na sociabilidade lavradense, trabalharemos os conceitos de representação e identidade que vão ser abordados durante toda a trajetória das cenas underground neste município.

Nesta época, de acordo com as informações obtidas, o município ainda desconhecia o gênero Rock e por vezes era visto como um gênero musical marginalizado. Entretanto, pequenos grupos se inspiraram em bandas que faziam sucesso nos anos 1990 e que posteriormente passariam pelo processo de mudanças estruturais e comportamentais principalmente no que se refere ao consumo cultural e musical. Em suma, as conexões sociais passam por uma ruptura, uma quebra de padrões culturais anexando outros valores, linguagens, manifestações, gerando uma interculturalidade, nesse prisma social nada mais é homogêneo e especificamente sólido. Em síntese, o pensamento de Zygmunt Bauman nos traz uma reflexão das práticas sociais na modernidade líquida:

A modernidade significa muitas coisas, e sua chegada e avanço podem ser aferidos utilizando-se muitos marcadores diferentes. Uma característica da vida moderna e de seu moderno entorno se impõe, no entanto, talvez como “a diferença faz a diferença”; como o atributo crucial que todas as demais características seguem. Esse atributo é a relação cambiante entre espaço e tempo. (BAUMAN, 1925, p.15).

Protagonizado por um pequeno grupo de amigos do município, o *Clube do Rock* apareceu na cena local como uma inovação dentro dos padrões musicais que já estavam inseridos na conjuntura social lavradense, na época, segundo informações e conversas informais que obtive com organizadores do evento, o Rock municipal apareceu devido aos interesses em comum que estes compartilhavam naquela época.¹²

Na composição do evento, estavam o então professor de Física, Roberto Solon e o jornalista Jailton Cordeiro, que atualmente vive em Roraima e atuou durante 18 anos na TV Roraima, afiliada da Rede Globo. Foram esses dois um dos organizadores da primeira manifestação do Rock em Pedra Lavrada, além de Santiago Vasconcelos e outras pessoas da comunidade, que se reuniam em uma antiga boate que funcionava durante as noites. A *Boate de Marluce*, conhecida pelo nome da dona do estabelecimento, mas também chamada de *Boate Casanova*¹³, estava localizada na Rua Cirilo Cordeiro também conhecida popularmente pela *Rua da Delegacia*¹⁴.

Neste período as músicas mais comuns tocadas em boates se diversificaram entre gêneros comuns, que iam do forró à brega, e com frequência havia as serestas, cuja cantora era a conhecida “Naninha”¹⁵. A Festa do Rock ou “Rock Fest”, como ficou conhecido, eram eventos que ocorriam durante a noite entre às 22 horas e 1h da manhã. Neste período, a festa acontecia através da seleção de playlists musicais, geralmente com CDs e DVDs de bandas, que naquele contexto compunham a preferência do grupo e que faziam sucesso, dentre elas, Titãs, Ultraje a Rigor, Paralamas do Sucesso, além de bandas internacionais. Os organizadores alugavam o som e os CDs com amigos em comum e outros que tinham nas localidades de Campina Grande e João Pessoa.

Com relação às vestimentas, os organizadores investiram na confecção de camisas com estampas a caráter do Clube do Rock, entretanto, há de ressaltar que durante a década de 1990 nem todos que curtiam o Rock buscavam utilizar roupas escuras e cabelos longos, geralmente usavam peças diversificadas como o jeans, o tênis e estampas dos eventos, segundo Ruella (2015):

¹² Fonte: conversa informal com Roberto Solon um dos organizadores do Clube do Rock

¹³ Fonte: Conversa informal com organizador do Clube do Rock de 1997 Jailton Cordeiro

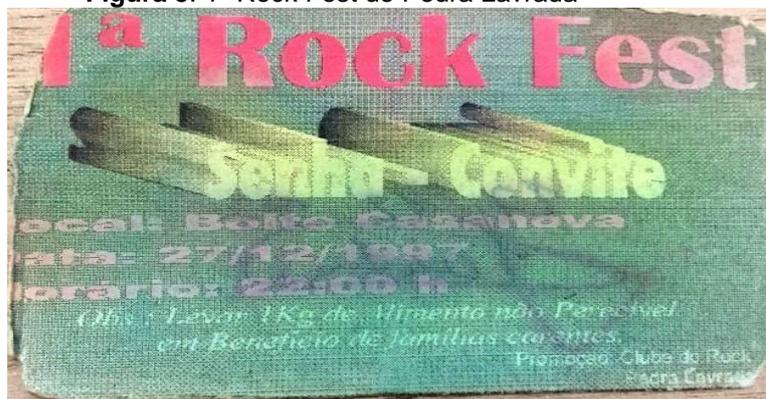
¹⁴ Fonte: Conversa informal com o organizador Roberto Solon de Vasconcelos.

¹⁵ Fonte: Conversa informal com Jailton Cordeiro

Após a década de 1990, os diversos estilos do rock foram voltando aos poucos e se diversificando, se misturando, sem ter um estilo definido. Algumas pessoas não deixam explícito em suas roupas de que grupos fazem parte, é onde percebe-se o hibridismo (RUELLA, 2015, p.39).

Na época o evento ganhou certa proporção entre a comunidade e, segundo fontes dos atuantes na cena, os alunos do professor Roberto Solon chegaram a ser convidados para muitos destes encontros, senhas eram também confeccionadas e distribuídas para os convidados. É neste contexto que surgirá a Banda de Rock R2. Um grupo se mobilizou por conta própria, sem auxílio de terceiros na época, confeccionaram ingressos e camisetas do evento que agregaram simbolicamente ao *1ª Rock Fest*, realizado em 27 de dezembro de 1997. Alex Barros, atualmente professor de Biologia no município de Nova Palmeira-PB, possui ainda hoje uma camiseta do evento. Para se ter uma ideia, segue abaixo fotos do ingresso e da camiseta do evento:

Figura 5: 1ª Rock Fest de Pedra Lavrada



Fonte: Arquivo pessoal de Jailton Cordeiro

Figura 6: Camisa do Clube do Rock



Fonte: Arquivo pessoal de Alex Barros

O *Clube do Rock* também participou do planejamento de outros eventos fora da cidade, como o município vizinho de Nova Palmeira, segundo os informantes. Como são cidades próximas, o grupo se mobilizou para outras festas fora do seu contexto local. Em síntese, essas transformações são identificadas no município com o rompimento das tradições musicais e culturais mais vigentes como o forró e o brega. Com isso, o final do século XX marca a presença destas variações comportamentais e identitárias no município, assim como já vinha acontecendo em todo o país com a inclusão de filmes, programas de TV, discos e os programas de rádio que privilegiam outras relações sociais nas comunidades locais, como bem pontua Stuart Hall em seu livro *A Identidade cultural na Pós-modernidade* (2006):

Um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2006, p.9).

Até os anos finais do século XX estas rupturas comportamentais se fazem cada vez mais presentes na realidade das tradições do município de Pedra Lavrada. O Clube do Rock, por exemplo, surgiu em um momento de intensa efervescência cultural, cuja indústria fonográfica vivenciava um período de ascensão com as vendas de CDs e LPs, barateando o consumo e a produção desses produtos, antes mesmo da chegada dos gêneros do rock no país. Essa produção industrial de discos já era presente, apesar do aumento industrial na época, com os Compact's Disc's (CDs).

Tanto os discos, os filmes e as revistas referentes aos artistas que faziam sucesso no Rock eram produtos de grande utilização nos vínculos sociais de muitos jovens. A estética e o som peculiar para cultura juvenil, trazia uma novidade, uma renovação para muitos grupos que viram no Rock uma nova filosofia de vida, um outro estilo, e entre outras adaptações de identidade como bem situa Guimarães (2013):

O rock enquanto música em si foi rapidamente incorporado primeiramente pelos meios de comunicação como é o caso do rádio, da indústria fonográfica e principalmente do cinema. A intenção – dos controladores – destas mídias era que o produto cultural se adequasse ao maior número de pessoas possível, fazendo com que cada pessoa consumisse uma grande quantidade de um mesmo produto – ou uma

grande quantidade de produto do mesmo tipo. Através dos sucessos do cinema e da indústria fonográfica o rock se estabeleceu no nosso país fazendo com que a juventude nacional logo se interessasse pelo seu estilo e estética (GUIMARÃES, 2013, p. 72).

Sendo assim, a criação do panorama underground em Pedra Lavrada, surgiu entre conversas em comum dando início a uma nova fase cultural peculiar a suas origens e tradições. Foi assim que o Clube do Rock em 1997 desponta na cena local, inserindo uma série de modificações de caráter identitário na sociedade, que por conseguinte são produto de atuações e mobilizações do setor fonográfico e cinematográfico, cujas imagens produzem elementos determinantes para a construção de uma nova personalidade ou individualidade. Essa sociedade construída a partir de espetáculos e representações é caracterizada por Debord (1997):

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação. (DEBORD, 1997, p.13)

Debord também enfatiza a criação desses pequenos grupos como fruto da globalização e exportação cultural, dois dos fundamentais fatores que agregaram na trajetória e conjuntura individual de muitas pessoas na década de 1990. Ou seja, à medida que o setor econômico e industrial se expandia, os indivíduos obtenham conhecimentos dos movimentos artísticos do exterior como aconteceu também com o movimento hippie na década de 1960. Neste sentido, o *capital* é o elemento característico destes encontros identitários como já vinha ocorrendo com o processo da *american way of life* nos EUA, ou mais precisamente estilo vida estadunidense. Por isso, nessas manifestações o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem” (DEBORD, 1997, p.25).

Estas mudanças comportamentais continuam a se expandir com mais veemência no século XXI, onde temos a ampliação das redes de comunicação via internet, que expandiram ainda mais o cenário roqueiro no Brasil. É partir deste momento com uma nova geração que surge no município de Pedra Lavrada um maior favorecimento musical para o rock, com a origem de bandas como o “R2” nos anos 2000, bem como eventos de bandas regionais promovendo a diversificação de estilos comportamentais e estéticos como veremos a seguir.

5 A TRAJETÓRIA DA BANDA R2

A eclosão do Rock no Brasil trouxe para as tradições e performances artísticas do país uma série de transformações estéticas e musicais. Os movimentos sociais dos EUA e os eventos musicais trouxeram novos comportamentos individuais e festividades, que ao longo da história foram importantes para a construção identitária e os papéis sociais de muitos artistas ou pessoas da comunidade, que vivenciavam a recepção e a trajetória cultural desse segmento artístico.

Exemplo disso está no município de Pedra Lavrada, cujas músicas do Rock brasileiro e internacional diversificaram as relações sociais e culturais de muitos jovens, não apenas no vestuário, mas também nas letras musicais que passariam a incluir uma crítica social de acordo com os dilemas políticos:

Um exemplo da música de protesto foi o rock brasileiro dos anos 1980 e 1990, que além de abordar temas transversais como amor, relacionamento e angústias, tratava constantemente de política, sociedade e cultura. Bandas como Barão Vermelho, Legião Urbana, Engenheiros do Hawaii ascenderam no cenário musical da época. Conseguimos perceber que a produção musical, especificamente o Rock and Roll brasileiro apresenta um ímpeto de muitos jovens por mudanças. No Brasil, ficou visível a gradativa mudança no que se refere ao período da Ditadura Militar (1964 – 1985) e o retorno à democracia, mas não apenas na cena política, os jovens clamavam por mudanças sociais, alteração de valores, o fim de preconceitos e desigualdades. (SANTOS; IRSCHLINGER, 2016, p. 145)

O *Clube do Rock* de Pedra Lavrada, citado anteriormente, foi um meio de referência para alguns jovens que se interessavam por algo novo, fora do que estava vigente em seu contexto social. A Banda R2 surgiu a partir de vínculos, amizades e relações sociais que compartilham gostos musicais em comum e que traziam novas leituras culturais. Sendo assim, é importante para a compreensão dos eventos culturais protagonizados pela banda enfatizar suas origens mais distantes.

De acordo com as informações cedidas informalmente pelos artistas, assim como entrevistas realizadas pelo rádio local *Boa esperança FM* no ano de 2011 e os registros fotográficos, o protagonismo da Banda R2 apareceu na cena cultural do município de Pedra Lavrada como algo inovador, já que não foram encontrados nenhum outro registro de formação de banda do gênero Rock antes.

Logo, o ano de 1999 foi crucial para alguns jovens da comunidade que iniciavam sua jornada artística, com o auxílio de elementos para a fundação da banda, e posteriormente para eventos de maior predominância na cidade. A partir do ano de 2015, com o primeiro Festival de Rock, elencamos o nosso ponto de partida desta pesquisa. Outrossim, é válido situar o primeiro registro e formação do grupo.

Parte desses jovens, que vivenciaram a era do *Clube do Rock* e *Fest Rock* na década anterior, eram alunos de um dos organizadores do evento – o professor Roberto Solon de Vasconcelos¹⁶. Além do pequeno evento daquele período, um outro elemento intensificador para a formação da Banda R2 foi a proximidade com a música, instrumentos musicais que beneficiaram o protagonismo do Rock na cena cultural da cidade.

Com o auxílio de fontes informalmente cedidas e entrevista da rádio local, Márcio Souto¹⁷, guitarrista e vocalista da Banda R2, indicou que a banda surgiu pelos compartilhamentos em comum de música, mas também pela curiosidade e proximidade com a parte prática de percussão musical. Segundo Márcio, a Filarmônica Eugênio de Vasconcelos foi um de seus primeiros vínculos com a música, da qual fez parte com doze anos de idade. Entretanto, sua proximidade maior com a música se deu a partir do momento em que decidiu aprender violão e ouvir bandas de Rock brasileiras como Legião Urbana e Titãs, e posteriormente bandas internacionais como o Guns'n Roses, que o influenciou a aprender guitarra.

Ele enfatiza esse momento inicial de sua atuação musical:

No meu caso o gosto pelo Rock começou juntamente com o gosto por tocar um instrumento musical. Quer dizer, antes de tocar violão eu cheguei a tocar na banda passei um ano na banda, na Filarmônica Eugênio de Vasconcelos tocando bombardino. E até então não tinha acordado pra essa vertente de música, né? Mais aí quando eu comecei a aprender a tocar violão, eu comecei a ouvir as músicas do Legião Urbana, do Titãs, e eu achei interessante porque aquela música ela não era simplesmente uma música pra a gente ouvir deitar na cama e achar bom, era uma música que gerava um questionamento, aquela letra começou a mexer com a minha cabeça. E dizer “Eita que legal essas letras aqui falam de alguma coisa”, você tem o que pensar, ela não lhe dá uma resposta, ela dá uma pergunta e gera um questionamento, isso foi o que começou a gerar essa minha paixão. E o segundo elemento foi quando eu comecei a ouvir as bandas internacionais que foi a parte instrumental que normalmente acontece de muitas bandas de lá de fora terem a parte instrumental

¹⁶ Fonte informal de Roberto Solon de Vasconcelos

¹⁷ Formado em Violão Clássico pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e Odontologia.

mais bem elaborada do que as do Brasil. Aí as duas coisas me fizeram gostar do estilo. (SOUTO, Márcio. Informação verbal, 2011.)

Nesse sentido, a interferência das letras musicais também teve importância na construção das identidades dos indivíduos e na ampliação da cena Rock do município, isto porque, parte das bandas que faziam sucesso entre os anos 1980 e início dos anos 2000 passou por uma mutação estética em suas letras que, conseqüentemente, inspiraram a juventude crítica daquele período com temas que marcam o engajamento político.

As dificuldades também marcaram a origem da primeira cena de rock no município, já que os produtores conseguiam instrumentos com pessoas da comunidade e amigos em comum, para realizar os ensaios e pequenos encontros musicais, como citado por Márcio em conversa informal sobre os empréstimos de instrumentos na época com um dos integrantes da primeira formação, Josymar Lukas que tinha um violão.¹⁸ Na época o primeiro violão utilizado só tinha duas cordas de nylon.¹⁹ Na sequência, a banda buscou maior aperfeiçoamento musical através do conhecimento prático, aliado a atuação artística na cidade. Além disso, buscaram comprar os instrumentos para a realização das primeiras apresentações:

Figura 7: Primeira formação da Banda R2, 1999



Fonte: Arquivo pessoal de João Vital

¹⁸ Fonte informal do vocalista da Banda R2 Márcio Souto

¹⁹ Fonte: [BANDA R2: SUA HISTÓRIA ~ VOZ DE PEDRA](#)

Da formação da Banda R2 não encontrei fotografias e não consegui o contato com outros integrantes da primeira formação. Todavia, a foto acima segundo as informações dos artistas que tive acesso foi uma pequena apresentação na antiga Escola Graciliano Fontini Lordão, local onde atualmente funciona a Escola Municipal Maria Elenita, onde foi arrecadado dinheiro da comunidade para a realização do evento.

Na foto, está a primeira formação segundo as fontes mais próximas e de acordo com a memória de alguns dos protagonistas, o grupo era composto por Josymar Lukas no teclado, Mariclérferon no baixo, Márcio como guitarrista, João Vital como vocal e Leandro na bateria²⁰. Pelas informações encontradas, esses integrantes seguem funções e profissões distintas, que vão de profissões autônomas a atividades educativas, exemplo disso é Mariclérferon, que atualmente é gerente da 4ª região de ensino na Paraíba e formado em Ciências Biológicas.

Atualmente os integrantes seguem atividades diferentes, mas ainda seguem na música como João Vital, que ainda segue sua carreira musical ao lado de outras atividades autônomas, como a restauração de casas e em trabalhos de sonorização de eventos. Na segunda formação da banda, os integrantes como Jarbas Vasconcelos atuavam em aulas particulares de música e compunha a Filarmônica Eugênio de Vasconcelos da cidade, enquanto Emanuel Drums atuava em eventos musicais fora da Banda R2. Márcio Souto ainda atua no segmento artístico tocando nos festivais de Rock da cidade ao lado de João Vital e outras bandas da região.

5.1 A Banda R2 ao longo dos anos 2000

A Banda R2 passou por uma série de mudanças em sua formação, percussão musical e até mesmo nos locais de ensaios. Com o decorrer dos anos 2000 o grupo iniciou com uma nova fase na história e protagonismo dos artistas, que dão sequência para a fundação e instituição de eventos de rock mais amplos no município. No ano de 2004, o vocalista Márcio por motivos de estudos, teve que se ausentar das atividades da banda, retornando no ano de 2007 com outra composição.

²⁰ Fonte informal do baixista da banda João Vital

Neste período, dois integrantes permanecem na formação da banda, Márcio Souto e João Vital como vocais e parte instrumental (guitarra e baixo), os dois novos integrantes Jarbas Vasconcelos (Guitarra) e Emanuel Drums (bateria) são inseridos na nova composição da banda²¹. Durante a segunda formação da Banda R2, o grupo ainda seguiu enfrentando vários problemas com relação aos locais de ensaios que não eram fixos, além do som pesado que era motivo de reclamações dos vizinhos, por se tratar ainda de um som desconhecido e por vezes marginalizado. Por isso, a banda teve que encontrar outros meios para seguir com suas atividades artísticas.

Desse modo, o Rock no Brasil ainda era descrito como um gênero musical incomum, por tratar de temáticas polêmicas em suas canções, que desagradaram os pais e a comunidade da época. Além disso, o Rock era reconhecido como produto do imperialismo estadunidense pelos adeptos da MPB. Todavia as músicas foram se configurando ao longo das gerações, entre as décadas de 60 e 80 principalmente, como bem pontua Yara Teles (2019)

A juventude, com mais liberdade de expressão após o desgaste da ditadura e a gradual abertura política, percebia no rock uma forma de externalizar sua insatisfação contra o governo com um som renovado, simples, que não se vinculava ao estilo elitista da MPB (DANTAS, 2007, p. 118). Os grupos musicais Gang 90 e Blitz, com um rock dançante derivado do estilo new wave, representariam o começo da “era” do rock nacional. Mas seria por volta de 1985, através do festival Rock in Rio, que este se afirmaria (JANOTTI JR, 2003, p.). (TELES, 2019, p.6)

Por esses motivos, a Banda R2 enfrentou dificuldades e conseguiu se estabelecer por um tempo em um antigo centro espírita que tinha na cidade e um galpão que era ao lado do cemitério. Mesmo diante desses desafios, o grupo seguiu com outros horizontes, chegando a fazer parte de um festival de bandas de rock em Campina Grande-PB, que agregava bandas de subgêneros do Rock mais agressivo como Heavy Metal e Trash Metal.

O Festival era o “Garagem Hold”, realizado no ano de 2011, tendo um caráter eliminatório. Este ocorreu na casa de show “Planet Hall” em 02 de outubro. No mesmo ano a Banda R2 também foi convidada para participar de uma entrevista pela TV Itararé no Programadiversidade²², onde os artistas falaram um pouco sobre sua

²¹ Fonte: [BANDA R2: SUA HISTÓRIA ~ VOZ DE PEDRA](#)

²² Entrevista com a Banda pela TV Itararé: [Banda R2 - YouTube](#)

história e participação neste evento. Na etapa final do evento, os artistas lavradenses conseguiram uma boa classificação tocando a música autoral “Heróis”. Segundo fontes, essa música é uma crítica ao cinismo e degradação do sistema político²³.

Outras composições também ficaram conhecidas como *Lutar por merecer* e *Heróis*, que foram citadas em entrevista pelo Rádio Boa Esperança FM no ano de 2011, cujas letras possuem um caráter crítico, que condiz com muitas canções e bandas de influência do grupo²⁴. Nessa perspectiva e de acordo com o modelo e estética das músicas de protestos do Rock, os eventos underground se popularizam entre garagens e ruas de cidades interioranas trazendo uma ruptura nos valores sociais que se mantinham impregnados sob a ótica conservadora e tradicional.

Nas músicas de protesto do universo roqueiro brasileiro e também nas cenas undergrounds interioranas, os artistas se reinventaram através de canções metafóricas e poéticas ou por vezes de maneira direta e clara, uma forma de expressar as insatisfações perante o sistema político, o preconceito, o racismo que ainda estão impregnados na modernidade. Em se tratando disso, o rompimento identitário na era digital, no consumismo, na exportação cultural e nos novos conceitos de se comportar e se vestir, conhecidos como o “novo” e o “moderno” alteram a realidade:

Os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas. (BAUMAN, 2001, p.10)

Assim sendo, o consumismo teve uma função imediata na incorporação destes movimentos desde muito cedo, através do rádio que aproximou e intensificou a formação de novos sujeitos e fundamentos culturais. Os anos que regem o início da Banda R2 foi um momento também da chegada de outros meios de acesso à produção artística como a internet, o aparecimento das redes sociais e os aparelhos de celular com acesso a internet, que também viabilizaram uma maior interação entre os jovens nos anos 2000.

As bandas de rock interioranas são expressivas dessa ampliação de eventos e comportamentos, mesmo em um cenário desfavorável ao gênero. Estes vínculos surgiram na cena local a partir do reconhecimento e proximidade da juventude com

²³ Ver vídeo no YouTube: [BANDA R2 - HERÓIS - YouTube](#)

²⁴ Letra da música “Heróis”: [Heróis - Banda R2 - LETRAS.MUS.BR](#)

algo diferente do comum, mesmo o Rock sendo de origens distantes, sua ampliação não se deu apenas como um produto peculiar a ser consumido, mas sim como um gênero que forneceu outros circuitos sociais entre a comunidade.

Logo, as mídias digitais tiveram protagonismo na aproximação da juventude com o Rock, trazendo outras noções de linguagem e estilo de vida, promovendo um elo e um conjunto em que estes jovens passam a se identificar e se sentirem parte de um grupo que os acolhe. Assim destaca Aline do Carmo (2011):

A formação de uma linguagem, nesse contexto, é um elemento indispensável, pois é através dela que se fixa e se mantém contato. Os jovens envolvidos com o rock sentem-se parte de um coletivo, onde a linguagem musical traduz o seu cotidiano. (ROCHEDO, 2011, p.36).

Além disso, os integrantes da Banda R2 não apenas fomentaram a inclusão do Rock na cidade, como também foram influentes na inserção do ensino de música entre os jovens que se interessam pelo aprendizado de música. Aqui há de destacar o elo entre o ensino da parte percussionista e inclusão do Rock na linguagem musical destes jovens. Segundo fontes informais, alguns dos integrantes da Banda exerceram ao longo de sua carreira também seu protagonismo educativo, com o aprimoramento do ensino de violão e até mesmo bateria que eram fontes de renda para os artistas.

Em entrevista com os integrantes na rádio local Boa Esperança FM, o grupo também teve proximidades com os eventos e encontros religiosos da igreja matriz Nossa Senhora da Luz, onde a banda ensaiava e estudava o que estava dentro do planejamento musical, fatores que também consolidaram novas ideias e inspirações para composição musical.

Por isso, a popularidade da banda se deu de forma gradual na comunidade, já que tocaram em festas de emancipação política da cidade e em eventos religiosos. Em suma, após os mais de 20 anos de história da Banda R2, o grupo também participou de outros eventos fora de sua localidade, como no Rio Grande do Norte. Na foto a seguir, é possível identificar a participação da banda na 9ª edição do Motofest em Parelhas-RN, no ano de 2018.

Na foto, da esquerda para direita identificamos Jarbas Vasconcelos (Guitarra), Emanuel Drums (Bateria), Márcio Souto (vocal e guitarra), e João Vital (Baixo)

Figura 8: 9ª edição do Motofest de Parelhas



Fonte: [Official-R2 | Facebook](#)

Na esteira desse reconhecimento, dos anos de 2015 até a atualidade, o Rock enquanto manifestação cultural conseguiu alçar novos horizontes dentro da comunidade lavradense, ampliando ainda mais seu cenário artístico e diversificando as festividades locais. Diante disso, a ampliação da cena underground em caráter de festivais locais não apareceu espontaneamente, isto porque a atuação do Rock já vinha se desencadeando entre pequenos grupos da cidade, que viram no gênero uma nova maneira de se divertir, um outro meio de se socializar.

Entre os anos que sucedem os festivais de rock do município observa-se uma maior movimentação no segmento de divulgação, que por sua vez ocorreu por meio da confecção de banners, panfletos e anúncios via redes sociais que estimulam a vinda de outras pessoas de cidades vizinhas e até mesmo distantes, como Campina Grande, que marca a sua presença com os motoclubes e bandas.

A partir disso, o município passa a ser palco de uma relação de novos sujeitos com estilos de vida distintos, bem como a inserção de músicas de subgêneros do Rock em apresentações de bandas regionais, que vão do Rock alternativo brasileiro até o Hard Rock e Heavy metal internacional, que eclodiram com certa identificação do público local, principalmente a geração dos anos subsequentes a formação da Banda R2, geração que vivenciou o avanço das redes de comunicação.

Com esses elos, a modernidade se mostra receptiva a novas identidades. Segundo Hall (2006), estas mutações identitárias surgem a partir dos deslocamentos de identidade, que subjetivamente são constituídas por identidades contraditórias, que ao longo do processo de socialização aparecem e se revelam. Somos mutáveis de acordo com a realidade e contexto que vivenciamos ao longo da vida, Hall ainda enfatiza:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p. 13)

Partindo disso, situamos o município de Pedra Lavrada como palco de recepção para as cenas de Rock entre os anos subsequentes aos anos 2000, com a predominância de bandas regionais. Entre os anos de 2015 e 2021 a cidade teve sete edições festivais de Rock, o primeiro festival de rock dentre as sete edições já ocorridas em Pedra Lavrada ocorreu no dia 21 de novembro de 2015 às 22 horas. Na época a festa foi intitulada Festival *Pedra Lavrada Rock*, tendo como local de apresentação do evento o CAL Clube, que geralmente recebe outros tipos de festividades ao longo do ano como forró. Abaixo segue o banner de divulgação do evento:

Figura 9: Festival Pedra Lavrada Rock (1ª edição)



Fonte: [Official-R2](#) | [Facebook](#)

A banda R2 enquanto idealizadora da cena rock no município acabou incluindo e ampliando ainda mais sua diversidade artística, através destas sete edições do

Festival de Rock em Pedra Lavrada. Destes organizadores, o baixista da banda, João Vital é um dos atuantes na divulgação dos apoios culturais e das atrações, além de incrementar na sonorização do evento, ainda hoje ele realiza este tipo de serviço em outras festas locais.

Nesse período, o evento teve apoio cultural por parte da comunidade, com grande relevância para a organização do evento, com direito a senhas que custavam em torno de 10 reais e que receberá três bandas para as apresentações, dentre elas a banda R2 e outras duas bandas – uma de Campina Grande, a *High Level*, e a outra de João Pessoa, *Pensamento Obtuso*. Apesar das três participações, a festa apresentou um público relativamente pequeno e tranquilo, com a presença de jovens e adultos, onde grande tinha entre 15 e 20 anos de idade.

Nessa conjuntura, o Rock já havia alcançado certa popularidade no Brasil, principalmente entre os jovens, com bandas do gênero de cunho menos politizado como CPM 22, Charlie Brown Jr. e Pitty. A preferência musical, entretanto, foram as bandas do exterior como Iron Maiden e Pink Floyd, por exemplo. O público era diversificado entre preferências de gêneros musicais que iam do Heavy Metal ao Rock alternativo, assim destaca Yara Teles com relação ao Rock brasileiro no segundo milênio (2019):

As bandas que representariam o rock nacional no segundo milênio não se engajariam politicamente e tentariam justificar o seu discurso contestador, próprio do rock, com críticas à sociedade de consumo, à cultura de massa e a violência urbana: “O nacional sai de foco e entra temas mais universais, como o amor, a tecnologia, a crise de identidade, etc., numa espécie de globalização dos temas das canções – temáticas universais” (PINHO, 2007, p. 125). O que se percebe é um ethos que incorpora as questões da crise da modernidade, em que “as canções retratam um mundo de risco, instável, em constante mudança, onde predominam a violência, a desilusão” (TELES, 2019, p.8 *apud* PINHO, 2007, p.125)

Foi graças às redes sociais e midiáticas que o Rock e os eventos do gênero ganharam certa popularização no município, que atualmente faz parte das tradições culturais, alcançando uma massa expressiva de apoiadores do município e cidades vizinhas. Nesse sentido, observamos uma modificação nas tradições da cidade onde Rock foi inserido na preferência de parte da juventude. Nas manifestações de Rock da cidade temos um predomínio simbólico até mesmo no caráter da moda, como o uso de roupas escuras, camisas de bandas dos mais distintos gêneros, nas formas

de se comportar em meio ao evento que compõem a identidade do festival e das pessoas inseridas no contexto.

Um dos exemplos expressivos que também constituem a cena durante os eventos de Pedra Lavrada é a *Roda Punk ou Mosh Pit*²⁵, que têm suas origens mais distantes na Califórnia entre os anos de 1970 e 1980. Esse movimento consiste na abertura de um círculo entre o público, onde as pessoas começam a pular, bater a cabeça conforme o repertório musical das bandas nas apresentações. Na foto a seguir um dos registros onde público se reúne na cena local.

Figura 10: 1ª edição do Pedra Lavrada Rock, 2015.



Fonte: [Oficial-R2 | Facebook](#)

De acordo com estes registros das cenas loucas locais no município de Pedra Lavrada, podemos compreender que muitos elementos e adereços foram incrementados na construção desse evento de Rock. Esse processo repercutiu entre as gerações mais jovens, onde a crise de identidade, os questionamentos perante as suas realidades sociais, agregam em grande medida, na formação do seu caráter intelectual e também comportamental.

²⁵ Youtuber explica o que é Roda Punk: [Youtuber explica curiosa história da origem do mosh pit \(ou roda punk\) \(whiplash.net\)](#)

Na foto acima observa-se o cenário escuro com predominância da cor preta, algo que é muito comum entre os subgêneros do Rock, assim como a utilização de camisas de bandas que se misturam entre o Rock internacional ao Rock alternativo brasileiro. Assim, para compreendermos o andamento e caracterização visual destes indivíduos a partir da utilização de roupas escuras Ruella (2015) nos traz a seguinte análise:

A cor preta predomina, representando o inconformismo contra preconceitos sociais e aos acontecimentos ao redor do mundo, foram adotados também coturnos e sobretudos. A vestimenta feminina se diferencia muito pouco, o estilo é marcado por uma sensualidade agressiva as roupas são justas, decotadas e curtas, o preto se mantém como preferência, mas elas também investem no vermelho. São usadas também calças de couro. (RUELLA, 2015, p. 36).

Apesar do não engajamento de muitos destes indivíduos que se identificam com o Rock mais crítico, o recurso estético e visual acabou se tornando algo muito frequente entre as preferências de vestimentas principalmente entre a geração mais jovem do segundo milênio. Segundo Ruella (2015), muitos dos roqueiros que adotaram um estilo mais pesado acabaram chocando a sociedade mais tradicional pelo seu caráter visual agressivo e pesado.

Partindo disso, Debord (1997) afirma que o espetáculo é um dos aspectos fundamentais no impacto social das novas gerações que vão se alterando de acordo com o tempo, diante do que é atrativo as suas convicções e modo de ser e agir em seu meio social. Logo, a sociedade é constituída ao longo de sua evolução por espetáculos que em sua conjuntura possuem dogmas não fixos, que vão configurando um meio com outros elementos distintos as suas origens:

O que o espetáculo oferece como perpétuo é fundado na mudança, e deve mudar com sua base. O espetáculo é absolutamente dogmático e, ao mesmo tempo, não pode chegar a nenhum dogma sólido. Para ele, nada para; este é seu estado natural e, no entanto, o mais contrário à sua propensão. (DEBORD, 1997, p. 47)

A partir das referências musicais que a comunidade lavradense vinha recebendo, muitas pessoas acabaram abraçando a novidade no decorrer das sete edições do evento, tanto que no ano de 2018 o Rock e os artistas do gênero foram reconhecidos como patrimônio imaterial da cidade de Pedra Lavrada, sendo então

reconhecidos por lei municipal como parte integrante das tradições e manifestações culturais do município. Isso ocorreu durante a gestão do prefeito Jarbas Vasconcelos, que a vereadora Cleinha Solon (PT) criou e instituiu uma lei municipal em que estabeleceu o reconhecimento municipal das atividades culturais do gênero Rock e, por conseguinte, a data comemorativa de 13 de julho, o dia mundial do Rock.

Pela leitura e análise da lei, temos um documento que não só traz a valorização dessas festividades como também visa estimular toda e qualquer atividade artística deste âmbito, seja no setor público ou privado. A então lei instituída é um dos exemplos significativos da expansão dos eventos roqueiros em cidades interioranas, o que anteriormente estava no micro entre as garagens e galpões da cidade, em grande medida um gênero musical para muitos sem nexos e sem valor cultural.

Em suma, ganhando novos adeptos, o município de Pedra Lavrada tornou-se um cenário cultural heterogêneo, abraçando o novo e diversificando a identidade na modernidade, articulando-se com outros sujeitos e culturais e renovou seus espaços de sociabilidade. Hall (2006) parte do argumento que as sociedades são mutáveis e de natureza identitária constante o que ele diferencia entre as sociedades e comportamentos do passado para a modernidade. Por isso, a lei municipal de reconhecimento do Rock enquanto manifestação cultural entre as tradições de Pedra Lavrada marca esta mutação estética do cenário artístico local. Segue abaixo a lei instituída pela ex vereadora Cleinha Solon (PT), a qual consegui por meio de conversas com a ex-vereadora:

Figura 11: Lei de reconhecimento dos eventos do gênero Rock em Pedra Lavrada - PB



Fonte: Arquivo pessoal da ex vereadora Cleinha Solon (PT)

Com essa lei, os festivais do gênero roqueiro se tornaram parte da cultura local, onde todos os anos, apesar das mudanças de datas dos eventos, acontecem no mês de julho. Dos sete eventos ocorridos, a Banda R2 protagonista inicial dos primeiros festivais, teve seu fim temporário segundo as conversas que obtive com os integrantes, devido a agenda de atividades muito cheia e dificuldades em voltar com a banda. O último registro de atuação da Banda R2 no festival de rock lavradense ocorreu em 2020, na 6ª edição do evento, no dia 11 de julho de 2020, o qual ocorreu em transmissão ao vivo pelo Youtube²⁶.

A transmissão foi intitulada de LIVE SHOW DO 6ª PEDRA LAVRADA MOTO ROCK, agora com a presença de moto clubes de outras cidades e um moto clube do

²⁶ Transmissão do evento Pedra Lavrada Moto Rock 2021: [LIVE SHOW DO 6º PEDRA LAVRADA MOTO ROCK | #FIQUEEMCASA E CANTE #COMIGO - YouTube](#)

município conhecido como Guardiões da Luz. Na foto a seguir aparece o brasão desse moto clube de Pedra Lavrada, uma foto de 24 de outubro de 2018, que registrou a entrada dos motos clubes no evento:

Figura 12: Brasão do Moto Clube Guardiões da Luz de Pedra Lavrada - PB



Fonte: [Official-R2 | Facebook](#)

A live foi disponibilizada no canal do baixista João Vital, cujas apresentações variaram entre os subgêneros roqueiros e reggae, incluindo o R2, outros artistas e pessoas da comunidade, do município vizinho de Nova Palmeira, e posteriormente, fariam parte da composição dos eventos seguintes a Banda PB-177 e uma banda de Reggae de Pedra Lavrada conhecida por Humillhoots, que contou com a presença de integrantes do R2. A 7ª edição do festival²⁷ aconteceu sem a banda R2, também com transmissão via Youtube no dia 17 de julho de 2021, mas com dois dos integrantes da sua formação inicial: Márcio Souto e João Vital.

Houve ainda a junção da Banda PB-177 e a Banda de Reggae Humillhoots, de modo que os artistas de rock da cidade de Pedra Lavrada por meio de conexões culturais e representações, modernizaram a cena local entorno de uma ruptura com o comum, saindo do micro de suas origens e indo ao macro, ao externo das suas relações sociais

²⁷ [7º PEDRA LAVRADA MOTO ROCK - LIVE #ChamaDoRock - YouTube](#)

por meio de uma corrente de acesso constante de internet e outras mídias, as quais introduziram novos elementos, ações e organizações nas sociedades modernas que estão a todo modo se refazendo e reconstruindo outros valores, conceitos, formas de se vestir e de se comportar a partir do espaço e do tempo que mutáveis segundo as novas condições e perspectivas da sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos na reta final desta pesquisa, acreditamos que algumas questões foram problematizadas acerca do referido tema. Todavia, ressaltamos que há outras reflexões que posteriormente podem ser fundamentais para um futuro projeto de pesquisa que englobe ou amplie com outros referenciais teóricos na sequência deste projeto. Contudo, observamos que as justificativas bem como os objetivos gerais então ressaltados ao longo da construção deste trabalho foram essenciais para que a temática e sua problemática fossem então respondidas com êxito.

Ao longo deste percurso busquei através das fontes alcançadas a construção dos três capítulos que fundamentaram e buscaram enfatizar o progresso do Rock n roll no mundo, ressaltando suas origens e seus métodos de inclusão nas interações sociais de diversas comunidades. Para tanto, nos primeiros capítulos buscamos compreender como o gênero musical se originou, através das primeiras comunidades que então antecederam os gêneros provenientes do rock, como o Blues, Jazz, e até mesmo a interferência da música branca estadunidense como o *country*.

Sendo assim, os primeiros artistas negros estadunidenses então ressaltados nesta pesquisa, bem como os povos escravizados tiveram um protagonismo excepcional na caracterização dos ritmos, das danças que assim foram adotadas por diversas culturas atravessando fronteiras como ressaltamos a questão da imigração destes povos para fazendas em plantios de algodão e café onde suas primeiras canções foram então registradas, referências musicais que ultrapassaram divisas territoriais e fazendo parte das tradições e manifestações artísticas como presenciamos também no Brasil.

Destacamos também que as tecnologias de imprensa e propaganda, bem como a indústria fonográfica alcançaram e interferiram nas identidades e nas tradições culturais e artísticas das comunidades brasileiras como ocorreu no município de Pedra Lavrada/PB, distante das origens culturais do rock n roll, este município conseguiu através de uma rede de interações sociais um protagonismo artístico significativo na história cultural do município. Evidenciamos através da problemática principal como que este gênero musical, bem como sua caracterização tanto estética, visual, e instrumental conquistou a comunidade lavradense através do protagonismo de

pessoas do município conseguiram criar e implementar um evento de rock que hoje se transforma em parte da história cultural de Pedra Lavrada/PB.

Sendo assim, consideramos que as questões aqui enfatizadas foram respondidas com sucesso através do aporte teórico utilizado que buscou salientar a alteração e o impacto da comunidade lavradense por meio destes eventos culturais bem como através das interações e do uso das mídias digitais que fizeram parte da construção identitária dos protagonistas do Festival Pedra Lavrada Rock ao longo de suas oito edições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MUGNAINI, Ayrton. **Breve História do Rock**. São Paulo: Editora Claridade, 2007/Coleção saber de tudo.
- BARROS, D'Assunção José. **História e Música: Considerações sobre suas possibilidades de interação**. História & Perspectivas, Uberlândia, (58); 25-39, jan./jun. 2018.
- NAPOLITANO, Marcos. **História & Música** – História cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 120p.
- SILVA-SÁ, et al. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I - nº 1 – julho de 2009.
- SILVA, Wilton Bruno Cardoso da. **A Luta pelos direitos civis nos Estados Unidos**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE, São Paulo, v.7. n.9. set.2021.
- HOBSBAWM, Eric J. **História social do Jazz**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- MUGGIATI, Roberto. **Rock, o grito e o mito: a música pop como forma de comunicação e contracultura**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- PINHEIRO, Marcos Sorrilha; MACIEL, Fred. **BLUES: Manifestação e inserção sociocultural do negro no início do século XX. Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História**, v. 8, n. 12, 2011.
- ALVES, Amanda Palomo. **Do blues ao movimento pelos direitos civis: o surgimento da “black music” nos Estados Unidos**. **Revista de História da UFBA**, v. 3, n. 1, 2011.
- SEVILLANO, Daniel Cantinelli. **Pro dia nascer feliz? Utopia, distopia e juventude no rock brasileiro da década de 1980**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- DE SOUZA, Neigmar. **Guitarra elétrica: um ícone na cultura pop do século XX**. **Revista Vernáculo**, v. 1, n. 5, 2002.
- CHACON, Paulo. **O que é Rock?** 3ª ed. Editora Brasiliense/Coleção primeiros passos.
- PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é Contracultura**. 8ª ed. Editora Brasiliense/Coleção primeiros passos, 1980/1992.
- SOUSA, Renê da Cruz et al. **Um rock do fim do mundo**. 2017.
- SILVA, Wlisses James de Farias. **Heavy metal no Brasil: os incômodos perdedores (década de 1980)**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- GUIMARÃES, Felipe Flávio Fonseca. **DO SURGIMENTO DO ROCK À SUA DIFUSÃO PELO MUNDO: a apropriação do rock no Brasil através das versões, de**

meados da década de 1950 a meados da década de 1960. Dissertação de mestrado. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS- UNIMONTES.

ZAN, José Roberto. Jovem Guarda: música popular e cultura de consumo no Brasil dos anos 60. **Música Popular em Revista**, v. 2, n. 1, p. 99-124, 2013.

RUELLA, Larissa Furtado. **A identidade do rock e seus subgêneros no contexto da moda contemporânea**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

SANTOS, F. G.; IRSCHLINGER, F. A. "**Identidade pós-moderna**": O Rock e a música Brasileira nos anos 1980 e 1990. *Akrópolis Umuarama*, v. 24, n. 2, p. 143-152, jul./dez. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001. 258p.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102p.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238p.

SITES UTILIZADOS

[BANDA R2: SUA HISTÓRIA ~ VOZ DE PEDRA](#)> Acesso em 19/11/2022 às 20h18min.

[PROGRAMA A SUA VERDADE - BANDA R2 - COMPLETA - Baixe, toque, ouça músicas MP3 - 4shared](#)> Acesso em 19/11/2022 às 20h19min.

[Uma introdução à história do Blues \(geledes.org.br\)](#)> Acesso em 19/11/2022 às 20h21min.

[O que é o Blues? A resposta do negro à escravidão \(lailavidal.com\)](#) Acesso em 19/11/2022 às 20h22min.

[Dia do Rock: Conheça cinco artistas negros que definiram o gênero \(almapreta.com\)](#) Acesso em 19/11/2022 às 20h23min.

[Rosetta Tharpe: a mulher que inventou o rock - Revista Bula](#) Acesso em 19/11/2022 às 20h24min.

[Saiba mais sobre o Black Music - Guiame](#) > Acesso em 19/11/2022 às 20h38min.

[Sister Rosetta Tharpe: conheça a mulher que inventou o Rock \(dimitrivieira.com\)](#) > Acesso em 19/11/2022 às 20h39min.

[Chuck Berry - Songs, Death & Age - Biography](#) > Acesso em 19/11/2022 às 20h39min.

[Chuck Berry \(omegawebhosting.net\)](http://omegawebhosting.net) > Acesso em 19/11/2022 às 20h40min.

[Maio de 1968: contexto, causas, o que foi, fim - História do Mundo \(historiadomundo.com.br\)](http://historiadomundo.com.br) > Acesso em 19/11/2022 às 20h41min.

[O primeiro rock do Brasil foi gravado por uma cantora de samba: Nora Ney ~ Memórias Cinematográficas \(memoriascinematograficas.com.br\)](http://memoriascinematograficas.com.br) > Acesso em 19/11/2022 às 20h42min.

[Cauby Peixoto, 90 anos: a história e os 'estranhos caminhos' de 'Conceição' | Posts | Discografia Brasileira](#) > Acesso em 19/11/2022 às 20h42min.

Entrevista com a Banda pela TV Itararé: [Banda R2 - YouTube](#) Acesso em 19/11/2022 às 20h45

Festival de Águas Claras foi o *Woodstock* brasileiro (obviousmag.org) Acesso em 03/03/2022

[BANDA R2 - HERÓIS - YouTube](#) >>> Acesso em 19/11/2022 às 20h47min

Letra da música "Heróis": [Heróis - Banda R2 - LETRAS.MUS.BR](#)>> Acesso em 19/11/2022 às 20h48min.

[Celly Campello: o início do rock como expressão jovem no Brasil \(whiplash.net\)](http://whiplash.net) Acesso em 19/11/2022 às 20h50min.

["O festival de lacanga é uma grande lição de ativismo cultural", diz o diretor Thiago Mattar | Revista Fórum \(revistaforum.com.br\)](http://revistaforum.com.br) Acesso em 19/11/2022 às 20h50min.

[Festival de Águas Claras: o Woodstock brasileiro ganha documentário - POP FANTASMA](#) Acesso em 19/11/2022 às 20h51min.

Youtuber explica o que é Roda Punk: [Youtuber explica curiosa história da origem do mosh pit \(ou roda punk\) \(whiplash.net\)](http://whiplash.net) Acesso em 19/11/2022 às 20h52min.

Transmissão do evento Pedra Lavrada Moto Rock 2021: [LIVE SHOW DO 6º PEDRA LAVRADA MOTO ROCK | #FIQUEEMCASA E CANTE #COMIGO - YouTube](#) Acesso em 19/11/2022 às 20h54min.

[7º PEDRA LAVRADA MOTO ROCK - LIVE #ChamaDoRock - YouTub](#)

[Acesso em 19/11/2022 às 20h55min.](#)